



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM LETRAS

GEICILAYNE TAVARES PELAYES

A PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES /t/ E /d/ NO MUNICÍPIO
DE SANTANA DO IPANEMA, ALAGOAS

RECIFE

2022

GEICILAYNE TAVARES PELAYES

**A PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES /t/ E /d/ NO MUNICÍPIO
DE SANTANA DO IPANEMA, ALAGOAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Letras da Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do
Título de Mestra em Letras. Área de concentração:
Linguística.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira Lima

Coorientador: Prof. Dr Aldir Santos de Paula

RECIFE

2022

Catálogo na fonte
Bibliotecária Jéssica Pereira de Oliveira – CRB-4/2223

P381p Pelayes, Geicilayne Tavares
A palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ no município de Santana do Ipanema, Alagoas / Geicilayne Tavares Pelayes. – Recife, 2022.
99f.: il., tab.

Sob orientação de Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira Lima.
Sob coorientação de Aldir Santos de Paula.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Letras, 2022.

Inclui referências e apêndices.

1. Sociolinguística Variacionista. 2. Variação Linguística.
3. Palatalização. 4. Processos fonéticos e fonológicos. 5. Oclusivas alveolares. I. Lima, Stella Virgínia Telles de Araújo Pereira (Orientação). II. Paula, Aldir Santos de (Coorientação). III. Título.

410 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2023-15)

GEICILAYNE TAVARES PELAYES

**A PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES /t/ E /d/ NO MUNICÍPIO
DE SANTANA DO IPANEMA, ALAGOAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós
Graduação em Letras da Universidade Federal de
Pernambuco, como requisito parcial à obtenção do
Título de Mestra em Letras. Área de concentração:
Linguística.

Aprovada em: 19/12/2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Stella Virginia Telles de Araújo Pereira Lima (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Almir Almeida de Oliveira (Examinador Externo)

Universidade Estadual de Alagoas

Prof. Dr. Marcelo Amorim Sibaldo (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

Ao meu filho amado, René Tavares Pelayes

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela forma inacreditável que aconteceu esse período de mestrado, pois nem nas minhas melhores expectativas as coisas seriam tão leves e proveitosas.

Ao meu filho René Pelayes, por me ensinar diariamente que tudo é possível, mesmo quando as coisas não parecerem favoráveis e que a superação das nossas próprias limitações é o melhor presente que podemos dar a nós mesmos.

Ao meu esposo Fernando Pelayes, por estar sempre ao meu lado, apoiando, acreditando e muitas vezes, ouvindo os meus dilemas de pós-graduação, mesmo em situações que ele não tinha a mínima ideia do que significavam. Por escutar meus monólogos sobre as dúvidas dos resultados que não faziam sentido e se alegrar quando as coisas entraram nos eixos. Principalmente pela paciência nos muitos momentos em que eu estava de corpo presente, mas ausente no convívio familiar.

À minha família, pai, mãe e irmãos, por sempre acreditarem em mim e me incentivarem a seguir meus sonhos.

À minha orientadora, Stella Telles, por me ensinar com paciência e humanidade, a encontrar o caminho certo, resolvendo minhas inquietações. Por se preocupar em fazer as coisas da forma mais conveniente para mim, tornando o processo leve e enriquecedor ao mesmo tempo.

Ao meu co-orientador, Aldir de Paula, por me ensinar com muita didática e paciência, reformulando inúmeras vezes quando a minha expressão facial mostrava que eu ainda não tinha assimilado o conceito, por tornar nossas conversas tão leves, me arrancando as melhores risadas e por se preocupar com meu estado emocional em situações de tensão.

À Casa de Cultura de Santana do Ipanema, por ceder o espaço para a realização da coleta de dados desta pesquisa.

Ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Pernambuco, pela oportunidade de aprendizado e enriquecimento profissional.

Às pessoas que aceitaram participar deste estudo, por se voluntariar e fazer com que esta pesquisa ganhasse corpo.

Ao amigo que a pós-graduação me proporcionou, Mailson José do Carmo, por me arrancar as risadas mais sinceras, por vibrar em cada conquista minha, por me dar as melhores dicas tecnológicas para diminuir o trabalho manual e por dividir comigo o peso que é se jogar

de cabeça em uma pesquisa científica.

À amiga que a pós-graduação me presenteou, Rosyelly de Araújo, por dividir comigo muitas das inquietações que a pós-graduação trouxe, por vibrar durante as minhas conquistas e dividir a alegria de publicar um artigo, pela primeira vez, em uma revista Qualis A3, eternizando nossa parceria.

Às minhas amigas de graduação, Melissa Cordeiro, Niedja Marques e Vanessa Tavares, por me incentivarem a ir adiante, por acreditarem em mim e festejar cada degrau subido.

Aos meus colegas de trabalho, principalmente os da área de exatas, por me auxiliar com os resultados numéricos. Destaco com admiração, meu colega Douglas, o qual tornou simples o caminho para chegar aos percentuais dos meus dados.

Ao meu amigo Edson Barbosa, por me incentivar a ir estudar em terras estrangeiras, uma coisa que eu não cogitava fazer até então.

Ao meu amigo de longa data, Patrick Oliveira, por escutar sobre a minha pesquisa a cada encontro nosso e se animar com as minhas descobertas.

À minha cunhada, Mónica Pelayes, por me impulsionar na realização dos meus sonhos e mesmo de tão longe estar sempre presente em todos os momentos importantes da minha trajetória.

Por fim, a todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para que este trabalho ganhasse corpo.

“Na linguagem cotidiana todos falam a nossa verdadeira língua, a nossa saborosa língua brasileira, com a sua prosódia profundamente diversa da portuguesa, e com expressões e sintaxe bem nossas”.
(MARROQUIM, 1934, p. 12)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar os processos fonético/fonológicos da palatalização das oclusivas alveolares produzidos no Português Brasileiro falado em Santana do Ipanema sob a ótica da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), fazendo a contraposição dos dados linguísticos coletados com variáveis externas (idade, sexo e estilo) e internas (contexto anterior, tonicidade, tamanho da palavra, sonoridade e fronteira lexical), a fim de identificar quais fatores favorecem ou inibem tal processo. A pesquisa busca analisar os processos de palatalização em contexto fonológico progressivo, visto que a produção do fenômeno, nesse contexto, é mais acentuada na região estudada. Pesquisas anteriores apontaram para uma maior produtividade da palatalização progressiva no Nordeste (SANTOS, 1996; MOTA; ROLEMBERG, 1997; HENRIQUE; HORA, 2012; SOUZA NETO, 2014; OLIVEIRA, 2017; SOUZA NETO, 2020; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2021). Nesta cidade, o uso mais recorrente é o da palatalização progressiva, em que o elemento fonológico que dispara o processo está localizado em posição anterior às oclusivas alveolares, em palavras como “gos[tʃ]o” e “fes[tʃ]a” e são condicionadas principalmente pela idade do colaborador. Observou-se dois contextos que disparam o processo em Santana do Ipanema, são eles: a semivogal [j] em posição anterior às oclusivas e a fricativa /S/ nesta mesma posição. A partir das análises estatísticas, é possível perceber que os dois contextos investigados apresentam comportamentos diferentes no que se refere à palatalização das oclusivas alveolares, resultado que corrobora com o estudo de Oliveira (2017) e Oliveira; Oliveira (2021). Concluiu-se que o fenômeno da palatalização progressiva em Santana do Ipanema emerge em situações de fala mais monitorada, indicando um resgate de uso possivelmente corriqueiro.

Palavras-chaves: Sociolinguística Variacionista; Palatalização; Variação linguística.

RESUMEN

Este trabajo tiene como objetivo investigar los procesos fonético/fonológicos de palatalización de las oclusivas alveolares producidos en el portugués brasileño hablado en Santana do Ipanema desde la perspectiva de la Sociolingüística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), contrastando los datos lingüísticos recogidos con variables externas (edad, sexo y estilo) y internos (contexto previo, acentuación, tamaño de palabra, sonoridad y borde léxico), con el fin de identificar qué factores favorecen o inhiben este proceso. La investigación busca analizar los procesos de palatalización en un contexto fonológico progresivo, ya que la producción del fenómeno, en este contexto, es más pronunciada en la región estudiada. Investigaciones anteriores apuntan a una mayor productividad de la palatalización progresiva en el Nordeste (SANTOS, 1996; MOTA; ROLEMBERG, 1997; HENRIQUE; HORA, 2012; SOUZA NETO, 2014; OLIVEIRA, 2017; SOUZA NETO, 2020; OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2021). En esta ciudad, el uso más recurrente es la palatalización progresiva, en la que el elemento fonológico que desencadena el proceso se ubica en una posición anterior a las oclusivas alveolares, en palabras como “gos[tʃ]o” y “fes[tʃ]a” y están condicionados principalmente por la edad del colaborador. Se observaron dos contextos que disparan el proceso en Santana do Ipanema, son ellos: la semivocal [j] en posición anterior a las oclusivas y las fricativas /S/ en esta misma posición. A partir de los análisis estadísticos, es posible percibir que los contextos investigados presentan comportamientos diferentes con respecto a la palatalización de las oclusivas alveolares, resultado que corrobora con el estudio de Oliveira (2017) y Oliveira; Oliveira (2021). Se concluyó que el fenómeno de la palatalización progresiva en Santana do Ipanema surge en situaciones de habla más monitoreada, indicando un rescate de posible uso común.

Palabras llave: Sociolingüística variacionista; Palatalización; Variación lingüística.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Contextos palatalizáveis investigados em Santana do Ipanema.....	59
Tabela 2 - Palatalização progressiva em Santana do Ipanema.....	59
Tabela 3 - Palatalização das oclusivas alveolares e a variável faixa etária em palavras com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas.....	63
Tabela 4 - Palatalização das oclusivas alveolares e a variável estilo em palavras com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas.....	65
Tabela 5 - Palatalização das oclusivas alveolares e a variável sexo em palavras com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas.....	67
Tabela 6 - Palatalização das oclusivas alveolares e a variável tonicidade em palavras com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas.....	70
Tabela 7 - Palatalização das oclusivas alveolares e a variável tamanho da palavra em palavras com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas.....	71
Tabela 8 - Palatalização das oclusivas alveolares com a fricativa /S/ e a semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas.....	75
Tabela 9 - Palatalização das oclusivas alveolares e a variável faixa etária em palavras com a semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas.....	76
Tabela 10 - Palatalização das oclusivas alveolares e a variável estilo em palavras com a semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas.....	78
Tabela 11 - Palatalização das oclusivas alveolares e a variável sexo em palavras com a semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas.....	80
Tabela 12 - Palatalização das oclusivas alveolares e a variável tonicidade em palavras com a semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas.....	81
Tabela 13 - Palatalização das oclusivas alveolares e a variável tamanho da palavra em palavras com a semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas.....	83

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	A PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES	16
2.1	ESTUDOS SOBRE A PALATALIZAÇÃO DE /t/ E /d/ NO NORDESTE BRASILEIRO.....	16
2.1.1	<i>Santos (1996).....</i>	17
2.1.2	<i>Mota e Rolemberg (1997).....</i>	18
2.1.3	<i>Henrique e Hora(2012)</i>	20
2.1.4	<i>Souza Neto (2014)</i>	22
2.1.5	<i>Oliveira (2017).....</i>	25
2.1.6	<i>Souza Neto (2020).....</i>	28
2.1.7	<i>Oliveira e Oliveira (2021).....</i>	30
2.2	SUMÁRIO DA PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES NO NORDESTE	32
3	A TEORIA DA VARIAÇÃO.....	35
3.1	SOCIOLINGÜÍSTICA: PRIMEIROS PASSOS.....	35
3.2	SOCIOLINGÜÍSTICA VARIACIONISTA.....	37
3.2.1	<i>Comunidade de fala.....</i>	39
3.2.2	<i>O método quantitativo.....</i>	40
3.2.3	<i>Mudança linguística.....</i>	43
4	METODOLOGIA DA PESQUISA.....	45
4.1	LOCAL DA PESQUISA.....	45
4.1.1	<i>História.....</i>	46
4.1.2	<i>Aspectos econômicos.....</i>	47
4.1.3	<i>Aspectos educacionais.....</i>	47
4.1.4	<i>Aspectos culturais.....</i>	48
4.2	COLETA DE DADOS.....	48
4.2.1	<i>Constituição da amostra da pesquisa.....</i>	49
4.2.2	<i>Tratamento dos dados.....</i>	50
4.2.3	<i>Definição das variáveis.....</i>	51
4.2.4	<i>Variável dependente.....</i>	51
4.2.5	<i>Variáveis independentes.....</i>	51

4.2.6	<i>Variáveis linguísticas</i>	51
4.2.6.1	Contexto anterior.....	52
4.2.6.2	Fronteira lexical.....	52
4.2.6.3	Sonoridade.....	53
4.2.6.4	Tonicidade.....	53
4.2.6.5	Tamanho da palavra.....	54
4.2.7	<i>Variáveis extralinguísticas</i>	54
4.2.7.1	Sexo.....	55
4.2.7.2	Faixa etária.....	55
4.2.7.3	Estilo.....	56
4.3	O PROGRAMA GOLDVARB X.....	56
5	ANÁLISE DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E SOCIAIS: DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO	58
5.1	FREQUÊNCIA GLOBAL.....	58
5.2	ANÁLISE DOS DADOS COM A FRICATIVA /s/ EM CONTEXTO ANTERIOR ÀS OCLUSIVAS.....	62
5.2.1	<i>Variáveis sociais</i>	63
5.2.1.1	Faixa etária.....	63
5.2.1.2	Estilo.....	65
5.2.1.3	Sexo.....	67
5.2.2	<i>Variáveis linguísticas</i>	69
5.2.2.1	Tonicidade.....	69
5.2.2.2	Tamanho da palavra.....	71
5.2.2.3	Fronteira lexical.....	73
5.2.2.4	Sonoridade.....	73
5.3	ANÁLISE DOS DADOS COM A SEMIVOGAL [j] EM CONTEXTO ANTERIOR ÀS OCLUSIVAS.....	75
5.3.1	<i>Variáveis sociais</i>	76
5.3.1.1	Faixa etária.....	76
5.3.1.2	Estilo.....	78
5.3.1.3	Sexo.....	79
5.3.2	<i>Variáveis linguísticas</i>	81
5.3.2.1	Tonicidade.....	81

5.3.2.1	Tamanho da palavra.....	82
5.3.2.2	Sonoridade.....	84
5.3.2.3	Fronteira lexical.....	85
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
	REFERÊNCIAS.....	90
	APÊNDICE A – LISTA DE ENUNCIADOS PARA LEITURA.....	94
	APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SOCIAL.....	95
	APÊNDICE C – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	97
	APÊNDICE D – TEXTO PARA LEITURA.....	99

1 INTRODUÇÃO

Podemos destacar a língua articulada como um instrumento fundamental para a interação humana. Câmara Jr (1970) afirma que a fala se desdobra numa situação concreta, sob o estímulo de um falante ou vários falantes, bem individualizados. A capacidade de falar, portanto, singulariza o homem de todos os outros animais, pois nós agimos intencionalmente em busca de um propósito específico.

A linguagem humana se diferencia dos demais sistemas simbólicos por ser segmentável em unidades menores, em número finito, e que se recombina para expressar ideias diferentes. Sabe-se também que a língua é variável e que muda através do tempo (Cf. Labov, 2008). Em particular, observa-se que o português brasileiro (doravante PB) é rico em diversidade linguística. Sistematizar e explicar um fenômeno de uma variedade desta língua, é o que se propõe com o presente estudo. Pesquisas fonético-fonológicas sobre os dialetos existentes no Nordeste têm ganhado espaço ao longo dos anos, porém, em sua maioria, não abrangem as cidades periféricas dos estados da região, fazendo-se necessários estudos naquelas localidades.

Nesse contexto, o presente estudo se faz importante não só para fins analíticos ou acadêmicos, mas também para a comunidade de fala, definida por Labov (2008), como um grupo de pessoas que compartilham normas e atitudes sociais perante uma língua ou variedade linguística. A pesquisa poderá, nesse sentido, aclarar como se dá o uso da língua pelos falantes da comunidade linguística em questão, bem como a sua relação com os fatores sociais atrelados a ela. A cidade de Santana do Ipanema, localizada no sertão de Alagoas, *locus* desta pesquisa, já foi palco de pesquisa sócio-fonética no trabalho de Pelayes (2016), intitulado: Apagamento do fonema /d/ em verbos gerundiais no Português Brasileiro: variantes rural e urbana em Santana do Ipanema. Entretanto, não há estudos prévios sobre o fenômeno da palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/, objeto deste trabalho.

Há na literatura especializada, vários trabalhos sobre o processo de palatalização que ocorrem na fala de diferentes regiões do Brasil. Marroquim (1934) aponta o uso desta variante nas regiões de Alagoas e Pernambuco, no entanto, como foi mencionado acima, não se tem registro de estudo restrito deste fenômeno na região que se pretende estudar. O trabalho mais recente sobre as oclusivas alveolares /t/ e /d/ na cidade de Maceió, realizado por Oliveira (2017) apontou a idade e a escolaridade como fatores influentes no processo de palatalização das oclusivas em contexto fonológico progressivo e demonstrou que o contexto fonológico

regressivo, não é tão produtivo na região estudada. Contudo, notou-se a estigmatização do contexto fonológico progressivo em relação ao regressivo, tido como variedade de prestígio.

Considerando os estudos prévios em Alagoas, como o de Marroquim (1934), Santos (1996), Oliveira (2017) e Oliveira e Oliveira (2021), constatou-se que a palatalização é um fenômeno recorrente na fala alagoana. Desse modo, alguns traços fonológicos foram apontados no trabalho de Oliveira (2017) como gatilho para o processo de palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ em contexto fonológico progressivo na cidade de Maceió, incluindo pessoas com Ensino Superior completo que são consideradas falantes da língua culta, ao passo que foi registrado um declínio dessa variante em comparação com os trabalhos de Santos (1996).

É possível que no sertão alagoano, mais precisamente em Santana do Ipanema, o processo de palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ na língua culta, em contexto fonológico progressivo, seja menos significativo ou diferente do que ocorre na capital alagoana? Essa pergunta motivou a realização deste estudo.

Por meio de uma análise prévia da fala da região estudada, partimos da hipótese de que a palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ por falantes da língua culta em contexto fonológico progressivo são menos produzidas em Santana do Ipanema do que em Maceió devido à sua restrição populacional e comercial, o que faz com que a variante desta região seja menos acentuada que a variante da capital alagoana, demonstrando, dessa forma, variação dialetal entre as duas regiões.

Neste estudo, foram utilizados os pressupostos teóricos e metodológicos da Sociolinguística Variacionista para descrever e analisar o processo de palatalização em contexto fonológico progressivo ocorrente em Santana do Ipanema.

De acordo com William Bright (1966), uma das maiores tarefas da sociolinguística é mostrar que a variação ou a diversidade não é livre, mas que é correlata às diferenças sociais sistemáticas. Coletando dados em situações reais de comunicação, a Teoria da Variação linguística analisa exemplares da língua em uso num contexto social e pode dirigir, assim, seu foco de interesse imediato para condicionamentos externos.

Em suma, este estudo pretende analisar e descrever o processo de palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/, em contexto fonológico progressivo, na variedade culta do município de Santana do Ipanema sob uma perspectiva Sociolinguística e identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que favorecem ou inibem tal processo, a fim de comparar as produções existentes nesta região. Especialmente, confrontarmos os resultados com o estudo de Oliveira (2017) realizado na cidade de Maceió, capital alagoana.

2 A PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES /t/ E /d/

Neste capítulo, retomamos os estudos referentes ao processo de palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/, no Português brasileiro, mais especificamente na região Nordeste do país, contidos em artigos, monografias, teses e dissertações.

Câmara Jr (1970, p.36) põe as oclusivas e fricativas em contraste, afirmando que ambas têm em comum a circunstância de serem francamente consonânticas “com um efeito auditivo de forte embaraço à corrente de ar, que nas oclusivas é o de uma plosão e nas constritivas o de uma fricção”. O processo de palatalização, pelo qual passam os fonemas consonantais /t/ e /d/ consiste no levantamento da língua em direção a parte posterior do palato duro, ou seja, a língua direciona-se para uma posição anterior, mais para a frente da cavidade bucal do que normalmente ocorre quando se articula um determinado segmento consonantal. Essa palatalização geralmente acontece com consoantes seguidas de /i/, e /e/, tanto orais quanto nasais. (SILVA, 2005).

Nesse viés, pretendemos com este estudo, verificar a possível ocorrência da realização da palatalização das oclusivas /t/ e /d/ em contextos fonológicos progressivos a fim de sistematizar tal uso.

2.1 ESTUDOS SOBRE A PALATALIZAÇÃO DE /t/ e /d/ NO NORDESTE BRASILEIRO

De acordo com Carvalho (2000) a língua e a cultura são indissociáveis. Encontramos no Nordeste, uma região de cultura rica em itens lexicais, ritmos e expressão plástica, com um traço eminentemente popular, que não se aprende na escola, nem é valorizado em época de globalização. É necessário considerar a importância de se conhecer a cultura do povo nordestino, com suas tradições, que só tendem a demonstrar a riqueza existente no Brasil.

O fenômeno da palatalização tem sido alvo de estudos nos mais diversos lugares no Brasil. Trabalhos como o de Bisol (1986), Bisol (1991), Sassi (1997), Almeida (2000), Pagotto (2001), Bopp (2002), Kamianecy (2002), Pires (2003), Pagotto (2004), Battisteet al (2007) e Dutra (2007) representam o estudo do processo de palatalização na região Sul do país. No que diz respeito à região Sudeste, podemos citar o trabalho de Carvalho (2002). Na região Nordeste do país, trabalhos como o de Hora (1990), Hora (1995), Mota (1995), Santos (1996), Mota e Rolemborg (1997), Henrique e Hora (2012), Souza Neto (2014), Oliveira (2017), Souza Neto (2020), Oliveira e Oliveira (2021) entre outros, são referência na descrição do processo de palatalização.

Vale destacar que os estudos feitos na região Sul e Sudeste do país têm como foco descrever a palatalização regressiva, enquanto os trabalhos da região Nordeste são voltados para a descrição da palatalização regressiva e progressiva. Esta última tem se mostrado mais produtiva na região nordestina, de acordo com os trabalhos recentes e é enfoque desta pesquisa. Dessa forma, focalizaremos a seguir sete pesquisas que descrevem a palatalização progressiva nesta região, de forma cronológica, iniciando com o trabalho de Santos (1996) que objetiva o estudo da palatalização em contextos diferentes da vogal alta anterior [i] na cidade de Maceió, Alagoas. As pesquisas analisadas foram realizadas nas proximidades do estado. Sendo assim, temos a finalidade de representar geograficamente como se dá o processo nas localidades investigadas.

Em seguida, apresentaremos o trabalho de Mota e Rolemberg (1997) que investiga a ocorrência das variantes africadas palato-alveolares [tʃ, dʒ], precedidas da semivogal palatal [j], os decursos -it e -id, em Salvador, Bahia. Logo após, abordaremos a pesquisa de Henrique e Hora (2012) a qual investiga os processos de realização da palatalização das oclusivas alveolares em João Pessoa, Paraíba, seguidos dos trabalhos de Souza Neto (2014) que investiga a palatalização das oclusivas alveolares em contexto fonológico adjacente à vogal anterior alta /i/ na cidade de Aracaju, Sergipe e a pesquisa de Oliveira (2017) que trata da palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ na cidade de Maceió, Alagoas. Revisamos também, o estudo de Souza Neto (2020) que investiga as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] em sergipanos idosos, em comunidades e municípios de Sergipe. Por fim, apresentaremos o estudo de Oliveira e Oliveira (2021) que trata da variação diatópica e o processo de mudança na valorização social da palatalização progressiva em Alagoas, realizado em 7 cidades alagoanas.

Apresentamos a seguir, em ordem cronológica, algumas das pesquisas realizadas no Nordeste sobre a palatalização das oclusivas alveolares.

2.1.1. Santos (1996)

A ideia do trabalho de Santos (1996) surge a partir da informação categórica de que a realização palatalizada de /t/ e /d/ era previsível diante da vogal anterior alta /i/. Dessa forma, ela se propôs a estudar se, na fala maceioense, era possível encontrar formas palatalizadas diante de outras vogais.

Os dados da sua pesquisa foram obtidos através de 20 entrevistas de experiência pessoal, com informantes do sexo feminino, sendo elas faxineiras e professoras de uma escola particular de Maceió, capital alagoana. Seu objetivo principal era verificar se havia algum

condicionamento social do falante nas escolhas das variantes /t/ e /d/. As faxineiras foram relacionadas como menos escolarizadas e as professoras como mais escolarizadas. No entanto, a variável social não se mostrou influente na produção palatalizada, pois a diferença de aplicação da regra entre os dois grupos foi pouco significativa.

Foram consideradas na pesquisa, 1.601 ocorrências da variável /t/, das quais 531 eram formas palatalizadas e 1.070 eram formas não palatalizadas. Percebeu-se que não houve produção palatalizada de /d/ o que ocasionou o descarte dessa variável, restringindo o trabalho à análise somente das variantes de /t/. A autora investigou os contextos fonológicos anterior e posterior à vogal anterior alta /i/, assim como a tonicidade da sílaba, no intuito de constatar quais desses ambientes fonológicos interferiam na produção da consoante oclusiva alveolar. Para tanto, ela utilizou o programa Varb2000 para fazer a análise estatística.

A respeito da variável linguística contexto precedente, a realização palatalizada das oclusivas dentais foi maior, quando a oclusiva /t/ estava antecedita do glide palatal [j], com em *feito*, *oito*. Outro ambiente que se mostrou favorável nesse grupo no que tange à palatalização de /t/ e /d/ foi a vogal [i] como em ['sitʃio]. Em relação à variável linguística contexto seguinte, o fator vogal [i], como em ['nojtʃi], foi o mais favorável à aplicação da palatalização de /t/ e /d/. Na variável tonicidade, o fator sílaba postônica foi o que mais condicionou a produção palatalizada das oclusivas dentais.

Após a análise dos dados, a pesquisadora constatou que as professoras demonstram um maior número de palatalização em oposição às faxineiras, bem como o contexto fonológico mais produtivo para a palatalização é a presença da vogal alta anterior [i] em posição precedente e da vogal alta [u] em posição seguinte.

2.1.2 Mota e Rolemberg (1997)

Mota e Rolemberg (1997) se propuseram a investigar a ocorrência das variantes africadas palato-alveolares [tʃ, dʒ], precedidas da semivogal palatal [j], os decursos -it e -id, em Salvador, capital baiana. Foram documentadas com frequência palavras nas quais se observa o desaparecimento do segmento condicionador como em *oito* ['o.tʃu] e *doido* ['do.dʒu].

Os dados da pesquisa foram obtidos através do *corpus* do Projeto NURC/Salvador (Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta em Salvador) de 32 inquéritos, distribuídos igualmente por sexo e quatro faixas etárias, que vão de 25 a 35 anos, 36 a 45 anos, 46 a 55 anos e acima de 55 anos, dos quais 16 eram de elocuições em situações formais (EF), como aulas ou conferências, e 16 eram diálogos entre o informante e o documentador (DID).

A análise foi feita a partir de palavras que apresentassem a vogal alta anterior /i/ em contexto fonológico antecedente e seguinte à oclusiva. Na qual foram obtidas apenas vinte e quatro realizações da africada palato-alveolar [tʃ], no ambiente de [j] em sílaba precedente às oclusivas dentais, das quais vinte eram da forma *muito* e flexões. Outras formas encontradas foram: *oito*, *jeito* e *sujeito*. A variante sonora da fricativa alveolar [dʒ], em palavras do tipo “doido” e “cuida” não foi documentada nos dados analisados, de modo que as autoras descartam essa variável e limitam a análise às variantes surdas.

Em relação à variável situação do discurso, as autoras constataram que havia interferência do grau de formalidade na aplicação da variante africada, visto que a africada palatal ocorreu em discursos emitidos com maior grau de espontaneidade, tanto nos DIDs quanto nos EFs. No contexto de diálogo, de 633 ocorrências, somente 15 utilizam a palatal africada surda, o que representa um percentual de 2,37% de ocorrências palatalizadas, enquanto no contexto formal, de 961 ocorrências, houve apenas nove realizações palatalizadas, o que resulta uma frequência de uso de apenas 0.94% nesse contexto.

Ao analisar a relação entre faixa etária e categoria de texto, os informantes da faixa etária 4 (acima de 55 anos) apresentaram maior aplicação da variante africada em DIDs. Em relação à variável sexo, dos 32 informantes, apenas 9 aplicaram a variante africada no decurso de -yt, entre os quais 5 eram mulheres e 4 homens, dos quais as mulheres produziram 16 ocorrências desse tipo e os homens, apenas 8 ocorrências.

A partir do cruzamento da categoria de discurso e sexo do informante, os resultados indicaram uma maior aplicação de [tʃ] na categoria de texto DIDs em informantes do sexo feminino, as quais mostraram maior frequência no uso das africadas palato-alveolares quando pertencentes à última faixa etária, conforme apontam os resultados obtidos no cruzamento faixa etária e sexo.

Os dados apresentados por Mota e Rolemberg (1997) permitem fazer algumas considerações conclusivas acerca da palatalização das oclusivas alveolares em Salvador e observar que, devido aos dados serem oriundos do NURC/Salvador, não é possível representar as particularidades linguísticas do ambiente rural, nem fazer algumas correlações diatópicas ou diastráticas, como, por exemplo, a contraposição de dados com a escolaridade, pois, como se sabe, os colaboradores do Projeto NURC são todos universitários. As autoras também pontuam que o fato de haver nos dados uma ausência total da variante surda [dʒ] em contexto fonológico seguinte à vogal alta [i], a baixíssima produtividade da variante [tʃ] e os principais colaboradores já estarem, entre os anos 1973 e 1978 (quando foram coletados os

dados do NURC), acima dos 56 anos, revela indícios de possível desaparecimento dessas variantes em Salvador.

2.1.3 Henrique e Hora (2012)

O objetivo principal da pesquisa de Henrique e Hora (2012) foi investigar os processos de realização da palatalização das oclusivas alveolares em João Pessoa, capital paraibana, através da análise de dados coletados para o Projeto de Variação Linguística da Paraíba (VALPB), que conta com aproximadamente 60 horas de gravações de fala espontânea extraídas de 36 colaboradores estratificados de acordo com sexo, escolaridade e faixa etária.

Os autores consideraram como variáveis independentes os contextos fonológicos precedente e seguinte, a tonicidade da sílaba, a categoria gramatical do elemento palatalizado, o tipo de consoante e o estilo casual ou formal da coleta de dados.

Em relação à análise, foram consideradas 2.337 ocorrências das oclusivas alveolares em contexto fonético anterior e posterior à vogal anterior alta [i], sendo destas, 2.088 realizadas em contexto anterior à vogal alta [i] e somente 249 em contextos seguintes. Dentre os 2.088 dados de contextos regressivos analisados, somente 114 apresentaram a variante palatalizada, dos quais 56 foram produzidos por homens e 58 por mulheres. Apesar do número de realizações ter sido baixo, os autores constataram um favorecimento da regra pelo público feminino, visto que apresentou um valor relativo de 0.542, em contraste ao público masculino, que obtiveram um peso relativo de 0.459.

No que tange à escolaridade, os falantes analfabetos demonstraram um favorecimento em relação à variante palatalizada, já que obtiveram um peso relativo de 0.586, em oposição aos informantes com escolarização entre 5 e 8 anos, os quais apresentaram o peso relativo de 0.437, demonstrando um desfavorecimento a aplicação da regra.

A respeito da idade dos informantes, os autores afirmam não ser possível estabelecer um comportamento proporcional do uso das variantes palatalizadas e a idade, visto que os dados advindos de pessoas mais jovens obtiveram o menor peso relativo da rodada, não favorecendo a aplicação da regra de palatalização, em contraposição à dos colaboradores com idades entre 26 e 49, com peso relativo de 0.555, demonstrando um favorecimento da aplicação da regra de palatalização.

Em relação ao contexto fonológico precedente, a presença de consoante coronal palatal se mostrou inibidora da aplicação da regra de palatalização, enquanto a presença de vogais, líquidas e nasais neste contexto favorecem a regra, de igual modo, o silêncio ou pausa se mostrou favorecedor da regra de palatalização.

Quanto à tonicidade da sílaba, a posição tônica se mostrou favorecedora na produção da variante palatalizada, com peso relativo de 0.643, bem como os monossílabos, que apresentaram peso relativo de 0.642. No entanto, as posições pretônica e pós-tônica não favoreceram a regra de palatalização.

O número de sílabas da palavra só demonstrou intervenção na produtividade da palatalização das oclusivas alveolares, quando se trata de monossílabos, com peso relativo de 0.603; já nos demais casos, dissílabos, trissílabos e polissílabos, não houve condicionamento favorável em função da aplicação da regra.

Os valores estatísticos se mostraram diferentes, na análise da palatalização das oclusivas alveolares em contextos não anteriores à vogal alta [i] ou ao glide [y], o que configura a palatalização progressiva. Nesse contexto, os homens apresentam um favorecimento a aplicação da regra, com peso relativo de 0.518, enquanto as mulheres os inibem, com peso de 0.477, revelando um possível valor negativo associado a esse tipo de produção, de acordo com os autores.

No que diz respeito à escolarização, os colaboradores que tiveram mais tempo na escola são os que apresentam o maior favorecimento da regra de palatalização. De acordo com a variável idade, os sujeitos com maior idade apresentaram peso relativo de 0.635, favorecendo a aplicação da regra, enquanto os mais jovens obtiveram o peso relativo de 0.394, desfavorecendo tal regra.

Quanto ao contexto fonológico anterior, a presença de glide em posição de coda foi mais favorável à palatalização que a presença de consoante coronal palatal e apresentou peso relativo de 0.507 (valor muito próximo do ponto neutro) versus 0.232 da consoante, que se mostrou inibidora de aplicação desta regra. Em relação a este contexto ao contexto, a presença de glide em posição de coda foi mais favorável à palatalização que a presença de consoante coronal palatal e apresentou peso relativo de 0.507 (valor muito próximo do ponto neutro) versus 0.232 da consoante, que se mostrou inibidora de aplicação desta regra.

Embora os autores afirmem que a partir dos valores observados não é possível elucidar questões de prestígio quanto às variantes selecionadas, os dados estatísticos apontam para uma distinção de valor entre as diferentes modalidades de palatalização, ao passo que a de contexto regressivo é mais utilizada por mulheres, que geralmente escolhem as variantes mais prestigiadas, pessoas da faixa etária de trabalhadores e em situações mais formais de comunicação; enquanto a palatalização progressiva é mais usada pelos homens, que geralmente não menos sensíveis às noções de prestígio, pessoas jovens, que ainda não se encontram em idade de trabalhar e em situações mais informais de comunicação.

2.1.4 Souza Neto (2014)

A pesquisa de Souza Neto (2014) investiga a palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ em contexto adjacente à vogal anterior alta /i/ nos contextos anterior e seguinte à oclusiva, em Aracaju, Sergipe. O principal critério para seleção dos colaboradores foi o não afastamento desses da cidade por tempo superior a dois anos e que fossem filhos de sergipanos.

As entrevistas foram feitas com um total de 36 informantes estratificados por classe social, faixa etária e sexo. Os critérios para definição da classe social do colaborador foram: até dois PNS (Piso Nacional de Salários - termos do IBGE); de três a 10 PNS; e acima de 10 PNS. As faixas de idade escolhidas foram de 8 a 21 anos; 22 a 49 anos; e acima de 50 anos. Considerou-se os sexos masculino e feminino. Além disso, foram consideradas as seguintes variáveis linguísticas: contexto fonológico seguinte; contexto fonológico precedente e tonicidade da sílaba.

A coleta de dados se deu através de entrevistas livres em torno de um roteiro de perguntas que buscava a fala espontânea dos informantes. Ao todo foram 80 horas de áudios gravadas em diversos ambientes nos quais estavam os colaboradores.

Ao analisar os dados, o pesquisador notou que o percentual de realização da variável não palatalizada /d/ é de 94%, enquanto a variável palatalizada teve somente 6% de realizações. Ao correlacionar o uso da oclusiva alveolar /d/ quanto ao contexto anterior, percebeu-se que a ausência da vogal [i] ou da semivogal [j] favorecem a realização da oclusiva simples /d/, com um peso relativo de 0.54, enquanto o preenchimento deste espaço pela vogal [i] ou semivogal [j] inibem essa regra. Para Souza Neto (2014, p. 82), isso acontece porque “a restrição do contexto fonológico se deve ao fato de a variante no nosso sistema, resultar do processo de assimilação de traços da vogal /i/”, de modo que é esperado que a ausência desses traços contribua para a realização da oclusiva simples, inibindo a presença da variante palatalizada [dʒ].

No que diz respeito ao contexto seguinte, a presença da vogal [i] favorece a regra de ocorrência da variante simples [d], com um peso relativo de 0.53, enquanto sua ausência a inibe, apresentando um peso relativo de 0.06.

Em relação à tonicidade, constatou-se que a sílaba átona favorece o surgimento da variante oclusiva simples [d], com um peso relativo de 0.53, enquanto a sílaba tônica inibe essa variante. “Esses resultados equivalem a dizer que o processo de assimilação de traços que

resulta na variante palatalizada ([dʒ]) é menos recorrente em sílabas átonas e mais recorrente em sílabas tônicas”. (SOUZA NETO, 2014, p. 118)

Ao analisar a correlação existente entre a palatalização da oclusiva alveolar /d/ com o fator social idade, o estudo demonstra que o grupo etário que tem entre 22 e 49 anos é o grupo que mais utiliza a variante simples [d], apresentando um peso relativo de 0.71, enquanto a faixa etária que considera os colaboradores até 22 anos resultou em um peso de apenas 0.22, desfavorecendo a aplicação da regra, o que também aconteceu com o grupo com idade acima de 50 anos, que conservou um peso relativo neutro de 0.50.

No que diz respeito à renda familiar, o autor aponta que o grupo que tem renda de até dois PNS é o que mais favorece a regra de aplicação da variante simples [d], apresentando um peso relativo de 0.69, enquanto o grupo que recebe entre 3 e 10 PNS resulta em um peso de 0.58 e o grupo que recebe acima de 10 PNS apresenta um peso relativo de 0.30. Podemos perceber, contudo, que quanto maior a renda menos é o favorecimento em função da regra de utilização da oclusiva simples [d].

Para analisar as ocorrências das variantes [t] e [tʃ], o autor considerou as mesmas variáveis independentes que utilizou para investigar [d] e [dʒ]. Na observância de qual das variantes é mais utilizada, foram encontrados os percentuais de 83% para a oclusiva simples [t] e 17% para a forma palatalizada [tʃ].

Na análise de [t] e [tʃ], foram consideradas as mesmas variáveis independentes utilizadas para analisar [d] e [dʒ]. Os percentuais encontrados foram de 83% para as oclusivas simples [t] e 17% para a forma palatalizada [tʃ]. De acordo com a análise do contexto precedente da oclusiva alveolar /t/, foi constatado que, com a ausência de /i/ nessa posição, houve uma produtividade da oclusiva simples de 91% com peso relativo de 0.66, evidenciando a aplicação de uma regra: a ausência da vogal anterior alta favorece a utilização da variante não palatalizada [t]. Em contraste com o contexto anterior preenchido pela vogal [i] ou pela semivogal [j], obteve-se os pesos relativos de 0.37 e 0.14, respectivamente, o que demonstra um gradual desfavorecimento da variante oclusiva simples [t].

No que diz respeito ao contexto seguinte, a presença da vogal [i] apresentou um peso relativo de 0.59, favorecendo a oclusiva simples, enquanto sua ausência apresentou um peso de apenas 0.18, o que mostra que a presença desta vogal favorece a realização da variante oclusiva de /t/, enquanto sua ausência desfavorece essa regra. Além disso, vale ressaltar que a ausência de /i/ na posição seguinte implica sua presença em posição anterior, indicando que a palatalização da oclusiva alveolar /t/ em contexto fonológico progressivo é mais produtiva nessa comunidade de fala.

Ao analisar a correlação entre o sexo do informante a palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/, Souza Neto (2014) observou que esta variável externa apresentou dados significativos apenas em relação à variável /t/, com peso relativo de 0.60 para o sexo feminino em função da realização da oclusiva simples e 0.44 para homens, evidenciando o condicionamento da variante /t/ pelo público feminino.

Em relação à idade dos colaboradores e os usos de /t/, os resultados obtidos se aproximaram quanto ao uso de /d/, com uma maior produtividade da oclusiva simples [t] pelos informantes com idades entre 22 e 50 anos, com peso relativo de 0.80, em função dessa variante, enquanto os outros dois grupos, obtiveram um valor de 0.34 de peso relativo, o que significa dizer que a variante palatalizada está mais presente entre os informantes com idades entre 8 e 21 anos e acima de 50 anos.

Quanto à renda familiar, os dados estatísticos revelaram que o grupo de menor renda favorece a escolha da variante não palatalizada [t], apresentando um peso relativo de 0.59, à medida que os dados dos demais colaboradores de modo amalgamado resultaram em um peso de 0.46, desfavorecendo o uso dessa variante.

O autor também investigou a realização da oclusiva alveolar /t/ em contexto progressivo com a semivogal [j] e, ao correlacionar com a variável renda familiar, notou que, com os grupos de menor renda, a importância estatística de realização da variante oclusiva simples foi de 0.31 de peso relativo, frente a 0.20 de peso relativo 117 dos colaboradores com renda familiar entre 3 e 10 PNS e de 0.77 com os colaboradores com renda familiar acima de 10 PNS, o que demonstra, obviamente, que há uma busca motivada pela classe e o status social pela variante oclusiva simples, ao passo que sua equivalente, a forma palatalizada, é a forma mais utilizada pelos colaboradores que tem uma renda familiar mais baixa.

A variante oclusiva simples apresentou maior produtividade quando esteve em concorrência com a variante palatalizada em contexto progressivo, em mulheres de 22 e 49 anos, inseridos em um grupo social com renda superior a 10 PNS mensais. Já as variantes palatalizadas [tʃ] e [dʒ] obtiveram, de modo geral, uma probabilidade de realização inferior em detrimento das suas concorrentes, no entanto, em consideração ao contexto progressivo, houve uma maior realização por parte dos homens mais jovens e pertencentes ao grupo de renda familiar mais baixa, demonstrando uma carga social negativa depositada nessa variante.

2.1.5 Oliveira (2017)

A pesquisa de Oliveira (2017) investiga os processos fonético/fonológicos de palatalização das oclusivas alveolares nos contextos fonológicos regressivo e progressivo em Maceió, Alagoas.

Os dados da pesquisa foram obtidos através de entrevistas semi estruturadas a fim de coletar o vernáculo dos colaboradores. Foram entrevistadas 48 pessoas estratificadas por sexo, masculino e feminino; idade, em três faixas etárias que variam entre 18 e 35 anos, 36 e 55 anos e 56 e 80 anos; escolaridade, em quatro níveis de educação, distribuídos como baixa escolaridade, ensino fundamental, ensino médio e ensino superior. Foram consideradas apenas pessoas nascidas em Maceió ou moradoras desde os cinco anos de idade que não se afastaram da cidade por mais de seis meses.

Além das variáveis sociais citadas, foram consideradas para a análise dos dados as variáveis linguísticas: contexto anterior à oclusiva, contexto seguinte à oclusiva, acento, tamanho da palavra em sílabas, fronteira lexical, vozeamento e contexto anterior ao gatilho. O autor usou os programas do pacote R para fazer a análise estatística dos dados coletados.

Todo o material coletado na pesquisa de Oliveira (2017) foi destinado ao Banco de Dados do Projeto de Pesquisa **Descrição e Análise de Aspectos Gramaticais e Variacionais de Línguas Brasileiras**, coordenado pelo Prof. Dr. Aldir Santos de Paula, da Universidade Federal de Alagoas.

Todos os 48 colaboradores produziram alguma forma palatalizada, no entanto, 45 deles produziram a palatalização das oclusivas alveolares em contexto progressivo, demonstrando maior produtividade deste contexto na palatalização dos maceioenses.

Ao analisar os dados, o autor observou que houve a realização da palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ em contextos progressivos, antecidos pela semivogal [j] e pela fricativa alveolar /S/, gerando formas linguísticas como mui[tʃ]o e doi[dʒ]o, ou em contexto regressivo com a consoante oclusiva em posição anterior à vogal alta, em formas linguísticas como [tʃ]ia e [dʒ]ia.

As entrevistas renderam um total de 10380 (dez mil, trezentos e oitenta) dados de fala espontânea com ambiente favorável para palatalização regressiva e progressiva, dos quais apenas 1047 (um mil e quarenta e sete) foram realizações palatalizadas. Apesar de realizável, a palatalização em contexto regressivo não se mostrou muito produtiva em Maceió, com um percentual de produção palatalizada de 0,63%, em oposição das produções palatalizadas em contexto progressivo com um percentual de quase 20%, representando 1014 (um mil e

quatorze) realizações palatalizadas. Portanto, o autor resolveu seguir a análise dos dados considerando apenas o contexto fonológico progressivo.

Ao fazer o cruzamento entre idade e sexo dos colaboradores, Oliveira (2017) observou um comportamento linguístico diferenciado para o público mais jovem, uma vez que o público feminino manteve uma probabilidade por volta de 0.11, enquanto o público jovem masculino apresentou uma probabilidade em torno de 0.20 em função da forma palatalizada das oclusivas alveolares. No que diz respeito ao público mais velho, o grupo feminino obteve uma probabilidade de 0.26, enquanto o público masculino, mostrando um aumento visível nas produções palatalizadas conforme aumenta a idade dos informantes.

No que diz respeito à escolaridade e ao sexo dos colaboradores, observou-se uma maior sensibilidade feminina em relação à escolarização no sentido de evitar as formas palatalizadas. Os colaboradores de baixa escolaridade apresentaram uma probabilidade de uso das variantes palatalizadas de 0.26 para mulheres e 0.27 para homens. Por outro lado, os colaboradores com ensino superior apresentaram uma probabilidade de 0.23 para homens e 0.14 para mulheres, o que confirma a influência da escolarização nas escolhas linguísticas das mulheres.

Quanto à idade e à escolaridade dos colaboradores, o autor afirma ser a interação mais significativa de todas, apresentando um p-valor de 1.078e e-09 (com nove casas decimais antes da vírgula com zero). O autor constatou que embora a escolaridade condicione os processos de palatalização das oclusivas alveolares, a sua interferência na variável dependente atua de forma distinta conforme a idade dos colaboradores. Notou-se que quanto maior a escolaridade dos colaboradores mais jovens, menores serão os usos das variantes palatalizadas; enquanto os mais velhos revelam uma aparente estabilidade da palatalização, conforme se aumenta o tempo de escolarização, saindo de um índice de probabilidade de 0.27 para os falantes de baixa escolaridade e chegando em 0.26, com os colaboradores de ensino superior.

Assim, há indícios que o processo progressivo de palatalização das oclusivas alveolares esteja adquirindo marcas de estigma, uma vez que as variantes palatalizadas vêm sendo evitadas por falantes com níveis altos de escolaridade, desde que jovens.

Oliveira (2017) dividiu a análise dos dados entre a palatalização das oclusivas alveolares com a fricativa /S/ em posição de gatilho e com a semivogal [j] em posição de gatilho, pois notou diferenças significativas nos dados obtidos.

Os resultados obtidos após a análise estatística dos dados entre o processo de palatalização das oclusivas alveolares com a fricativa /S/ em posição de gatilho com as variáveis linguísticas e sociais foram os seguintes:

- A variável tamanho da palavra não exerce influência no processo;
- A posição postônica favorece o processo;
- No contexto seguinte às oclusivas, a presença da vogal anterior alta /i/ é a mais produtiva;
- Há um favorecimento ao processo de palatalização, no contexto anterior ao gatilho, com a vogal /u/ e uma inibição com a vogal /i/;
- Há interação entre escolaridade e idade, demonstrando que quanto mais jovem, maior a sensibilidade do falante aos efeitos normativos da escola;
- A interação entre sexo e escolaridade é significativa, revelando que os efeitos da escolaridade são mais perceptíveis com o público feminino.

Quanto aos resultados das análises estatísticas no contexto com a semivogal [j] em posição de gatilho, temos os seguintes destaques:

- O tamanho da palavra interfere no processo de palatalização, no sentido que quanto maior for, maior também será a possibilidade de haver palatalização;
- A variável acento não apresenta interferência no processo de palatalização;
- Na posição de contexto seguinte às oclusivas, as vogais altas /i/ e /u/ são favorecedores do processo;
- No contexto anterior ao gatilho, há uma clara inibição ao processo de palatalização com a vogal /a/ e um favorecimento à realização da regra com as vogais /o/ e /u/;
- A interação entre idade e escolaridade é acentuada, demonstrando que o público mais jovem é bem mais sensível à interferência da escolarização na escolha das variantes linguísticas;
- O público feminino desfavorece a realização das variantes palatalizadas.

Além disso, o autor observou, a partir dos dados analisados, que não é a presença da vogal /i/ no contexto seguinte que dispara o processo de palatalização das oclusivas alveolares, em Maceió, apesar de favorecê-lo; o fator de não fronteira foi mais significativo em ambos os contextos de investigação; as pessoas mais velhas com ensino superior realizam mais a variante palatalizada que os jovens com o mesmo grau de instrução.

Constatou-se também, que há a interferência dos traços [+coronal] e [+contínuo] - presentes no elemento fonológico anterior às oclusivas - na realização da consoante.

Em comparação ao trabalho de Santos (1996), que também investigou o processo de palatalização em Maceió, o autor constatou uma redução de 43% para 20,6% nas realizações palatalizadas.

Os dados da pesquisa realizada por Oliveira (2017) devem permitir uma contraposição, ao menos em relação a algumas variáveis, aos resultados da pesquisa retratada nesta dissertação, a fim de verificar se há alguns pontos semelhantes, o que pode sugerir uma aproximação, no que diz respeito à capital e o sertão de Alagoas, das variantes em estudo, ou se há divergências significativas na apresentação dos dados que possam indicar, entre outras coisas, uma aceleração no processo de variação.

2.1.6 Souza Neto (2020)

O estudo realizado por Souza Neto (2020) investiga as realizações das africadas [tʃ] e [dʒ] no português falado por sergipanos idosos em Aracaju, Sergipe. A principal motivação para a delimitação da pesquisa, segundo o autor, foi a constatação - a partir de estudos prévios- de que realizações africadas/palatalizadas dos fonemas /t/ e /d/, em contexto seguinte ao gatilho (a vogal /i/), são mais encontradas na fala dos sergipanos adultos de mais idade.

A coleta de dados para a referida pesquisa se deu por meio de entrevistas de narrativa de vida, a fim de coletar a fala espontânea dos colaboradores. Foram entrevistados 22 idosos, de 14 municípios/comunidades, com idade igual ou superior a 60 anos, estratificados por sexo: 1 homem e 1 mulher em cada município/comunidade. A análise estatística dos dados foi feita com o uso do software R e a partir do software livre *PRAAT*.

A partir das entrevistas, constatou-se um total de 1115 (um mil cento e quinze) itens lexicais, dos quais apenas 18 têm ocorrências das realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] em contextos relevantes para a referida pesquisa.

Para a análise acústica dos dados, foram elencados os parâmetros fonéticos descritos a seguir:

- a.Evidência de silêncio seguido de ruído/turbulência e vozeamento, compatíveis com duas fases sucessivas (oclusão/silêncio e fricção/turbulência, respectivamente) equivalentes a realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]);
- b.Duração das duas fases sucessivas (oclusão/silêncio e fricção/turbulência, respectivamente) equivalentes a realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]);

- c.Evidência de realização ou de apagamento do aproximante ([j]) adjacente às realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]);
- d.Evidência de silêncio seguido de ruído/turbulência e vozeamento, compatíveis com duas fases sucessivas (oclusão/silêncio e fricção/turbulência, respectivamente) equivalentes a realização africada alveopalatal ([ts] e [dz]) adjacentes à realização do aproximante ([j]);
- e.Evidência de silêncio e vozeamento, compatível com oclusão/silêncio equivalente a realizações oclusivas plenas ([t] e [d]) adjacentes a realização do aproximante ([j]) ou ao apagamento deste;
- f.Duração do silêncio transiente equivalente a uma das realizações oclusivas plenas ([t] e [d]) adjacentes a realização do aproximante ([j]) ou ao apagamento deste;
- g.Dinâmica de transição na estrutura formântica em mudança gradual compatível com a realização de um ditongo constituído de vogal+aproximante ([j]) ou aproximante ([j])+vogal adjacente a uma das realizações analisadas;
- h.Evidência de estacionariedade na estrutura formântica compatível com monotongação correspondente ao apagamento do aproximante ([j]) do ditongo adjacente a uma das realizações analisadas;
- i.Evidência de estacionariedade na estrutura formântica compatível com uma vogal adjacente a uma das realizações analisadas.

Para a interpretação dos resultados da análise acústica, foram considerados também aspectos articulatórios (provável lugar/ ponto e modo) e fonológicos (número de sílabas do item lexical, proeminência acentual, padrão silábico etc.).

O autor tratou como realização apenas os itens lexicais cujos sinais acústicos eram mais evidentes e como apagamento, os itens cujos sinais acústicos eram menos evidentes. Para fazer a análise estatística dos dados, Souza Neto (2020) considerou as seguintes variáveis linguísticas: item lexical; duração do item lexical; número de sílabas da palavra; posição da sílaba; tonicidade; contexto precedente; contexto seguinte; aproximante palatal [j] do contexto precedente; aproximante palatal [j] do contexto seguinte; nasalidade do contexto precedente; nasalidade do contexto seguinte; duração da realização (africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], africadas alveolares [ts] e [dz] e oclusivas plenas [t] e [d]) e vozeamento.

O autor constatou que não é a qualidade da vogal que promove as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ], visto que tanto no contexto fonológico regressivo como no progressivo, as realizações africadas [tʃ] e [dʒ] predominaram em mais de 90% dos dados da pesquisa.

Ao fazer o cruzamento das variáveis linguísticas: número de sílabas da palavra, posição do alvo na palavra, tonicidade e vozeamento, o autor constatou que as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] não foram categóricas em nenhum contexto, mas predominaram com percentual igual ou acima de 87% em todos eles. O autor afirma que ou essas variáveis favorecem as realizações alveopalatais [tʃ] e [dʒ] ou não interferem no processo.

Quanto à nasalidade as realizações africadas alveopalatais [tʃ] e [dʒ] predominaram com percentual igual ou acima de 91% dos dados, confirmando o favorecimento ou não interferência da variável no processo de palatalização.

O autor constatou que na gramática dos sergipanos idosos, as realizações [tʃ] e [dʒ] estão restritas a alguns itens lexicais de natureza onomatopaica e antroponímica e contextos em que o aproximante [j] de ditongo, dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal. Ele deduziu que há uma regra generalizante da gramática das africadas [tʃ] e [dʒ] na variedade do português sergipano. Além disso, reconhece uma correlação sistemática entre monotongação e as realizações africadas alveopalatais.

Souza Neto (2020) constatou que a interação do apagamento do aproximante palatal [j] com as realizações africadas alveopalatais ([tʃ] e [dʒ]) pode evitar contraste no léxico do PS.

O autor ressalta que embora seja restrito a alguns itens lexicais e a contextos em que o aproximante palatal [j] de ditongo dos tipos vogal+[j] e [j]+vogal é apagado, é evidente o potencial dispersivo dessa variedade dialetal.

2.1.7 Oliveira e Oliveira (2021)

O estudo realizado por Oliveira e Oliveira (2021) investiga a palatalização progressiva das oclusivas alveolares precedidas de [j] em Alagoas sob uma perspectiva Sociolinguística. O objetivo principal da pesquisa é analisar a distribuição diatópica da palatalização e as pressões sociais e linguística envolvidas no processo.

Os dados utilizados na referida pesquisa pertencem ao projeto ‘PORTAL - Variação linguística no português alagoano (OLIVEIRA, A.J., 2017)’. Foram analisadas 7 cidades alagoanas (Maceió, Arapiraca, Delmiro Gouveia, Santana do Ipanema, Palmeira dos Índios, União dos Palmares e São Miguel dos Milagres), cada uma representando uma microrregião do estado.

A amostra foi constituída por 168 participantes, sendo 24 por cidade. Os autores utilizaram a técnica denominada “bola de neve”, no qual os participantes foram selecionados por indicação de amigos ou conhecidos. A coleta dos dados se deu por meio de entrevistas do estilo: história de vida e relato de experiência pessoal a fim de coletar a fala espontânea dos colaboradores. A análise estatística dos dados foi feita com o uso do software R e a partir do software livre *PRAAT*.

A variável dependente do estudo é a alternância entre oclusivas alveolares /t/ e /d/ e as africadas [tʃ] e [dʒ] no processo de palatalização progressiva em contexto precedido de semivogal [j]. As variáveis sociais investigadas foram: gênero, idade, escolaridade e a localidade geográfica. Quanto às variáveis linguísticas, foram analisadas: a vogal seguinte à oclusiva; o tipo de oclusiva (sonora ou surda); fronteira lexical; e a tonicidade.

Para a análise quantitativa, os autores utilizaram métodos inferenciais de análise estatística (tabelas de contingência, testes univariados e multivariados e métodos de regressão multinível). O corpus do estudo foi constituído de 4.046 ocorrências em contexto fonológico progressivo, das quais 844 (20,9%) foram palatalizadas. Vale ressaltar que a variável gênero foi a única que não apresentou relevância estatística no processo de palatalização, assemelhando-se a esta pesquisa.

Os autores constataram que a variável “indivíduo” apresentou a maior significância no que se refere ao processo de palatalização, com um percentual de 27,7%. Dessa forma, os autores afirmam que aspectos não controlados na pesquisa, relacionados aos indivíduos, interferem na variabilidade.

No que se refere à variável “item lexical”, os autores afirmam que o índice alcançado de 6,2% se atribui à variação entre os itens lexicais e que as variáveis linguísticas investigadas dão conta de explicar o processo. Dessa forma, os resultados revelaram que a probabilidade da palatalização diminui quando as oclusivas estão em fronteira lexical.

Ao analisar os resultados da variável “cidade”, observaram três grupos de cidades que apresentaram comportamentos diferentes. Sendo assim, São Miguel dos Milagres e União dos Palmares favorecem o processo sob os índices de 0.68 e 0.62 respectivamente; Maceió, Santana do Ipanema, Arapiraca e Palmeira dos Índios não apresentam efeito estatisticamente diferente do efeito médio, sob os índices de 0.54, 0.53, 0.52, e 0.51, respectivamente; Delmiro Gouveia desfavorece o processo sob o índice de 0.16.

Sendo assim, os autores dividiram as cidades em três regiões, a saber: oeste (Delmiro Gouveia), centro-leste (Maceió, Santana do Ipanema, Arapiraca e Palmeira dos Índios) e nordeste (São Miguel dos Milagres e União dos Palmares). A partir dos resultados obtidos, os

autores concluíram que há um efeito diatópico na palatalização em Alagoas, aumentando do oeste para o leste e amplificando-se na região nordeste do estado.

Em relação à idade do colaborador, os autores observaram que há um efeito inversamente proporcional da escolaridade, indicando que quanto maior o nível de escolaridade, menor o uso da variante palatalizada.

Os resultados para a variável “tipo de consoante” apontaram para uma probabilidade de ocorrência bem maior quando a consoante é /t/ sob o índice de 0.63 do que quando é /d/ com um peso relativo de 0.37. Os autores afirmam que o favorecimento de /t/ pode estar associado “à ausência de vibração das pregas vocais, o que faz com que tal consoante seja articulada com menor energia”(Oliveira e Oliveira, 2021, p. 12).

Os autores concluíram que há diferenças regionais na palatalização progressiva em Alagoas e que o processo vai do oeste para o leste, ampliando-se no nordeste; o processo ocorre menos na medida em que aumenta a escolaridade do colaborador e a interferência da escolaridade cresce na medida em que diminui a idade do falante, revelando um processo de mudança na valorização social da palatalização.

A seguir, faremos uma revisão geral dos trabalhos levantados, abordando suas semelhanças e resultados de modo mais generalizado.

2.2 SUMÁRIO DA PALATALIZAÇÃO DAS OCLUSIVAS ALVEOLARES NO NORDESTE BRASILEIRO

Apresentamos agora um sumário da palatalização das oclusivas alveolares no nordeste brasileiro, destacando os pontos principais dos trabalhos revisados no capítulo anterior, e que, de algum modo, podem trazer contribuições reflexivas sobre as variáveis internas e externas nos processos de palatalização.

Observamos, a partir dos trabalhos revisados, que a palatalização progressiva das oclusivas alveolares teve uma produção marcante no território nordestino, no entanto, não é a única forma de produção, pois foram encontradas formas palatalizadas em contexto regressivo nessa região, ainda que em pouco número.

A palatalização progressiva das oclusivas alveolares é relatada há mais de cinco décadas no território nordestino, atingindo todo o litoral da região. De acordo com Mota e Rolemberg (1997, p. 132) “Na Bahia, a africada se distribui, basicamente, pela zona litorânea, expandindo-se na direção Nordeste [...]”. Com esta pesquisa poderemos verificar como esse processo se dá no interior, em contraste com o estudo já feito no litoral de Alagoas.

As pesquisas realizadas no Nordeste sobre a palatalização das oclusivas alveolares atestam que a presença da semivogal [j] em posição anterior às consoantes oclusivas favorecem o processo de palatalização, caracterizando o processo progressivo e revelando evidências de como este fenômeno é produtivo na região.

A maioria dos trabalhos realizados no Nordeste e aqui revisados (SANTOS, 1996); (MOTA; ROLEMBERG, 1997); (HENRIQUE; HORA, 2012); (SOUZA NETO, 2014); (OLIVEIRA, 2017) e (SOUZA NETO, 2020) não tratam apenas da palatalização em contexto progressivo, embora também o contemple, evidenciando que, nessa região do país, a palatalização das oclusivas alveolares pode ocorrer tanto em contexto progressivo, quanto regressivo.

Nestas pesquisas, as variáveis linguísticas mais significativas foram: contexto seguinte, contexto anterior, tonicidade, estilo; além das variáveis externas: idade, sexo, escolaridade e classe social.

Ao verificar a relação do contexto seguinte com os processos de palatalização das oclusivas alveolares, nota-se que a presença da vogal anterior alta /i/, neste espaço, favorece o processo (SOUZA NETO, 2014); (SANTOS, 1996), sugerindo que a palatalização seja engatilhada pela presença do traço [+coronal], comum a esta vogal. Quanto ao contexto anterior às oclusivas alveolares, a presença da semivogal [j] se mostrou mais produtiva e favorecedora deste processo de palatalização, confirmando a palatalização progressiva (SANTOS, 1996); (SOUZA NETO, 2014); e (HENRIQUE; HORA, 2012).

A variável tonicidade tem demonstrado condicionamento aos processos de palatalização progressiva nas Cidades de Aracaju e de João Pessoa, favorecendo a aplicação da regra quando a consoante está presente em sílaba tônica (SOUZA NETO, 2014) e (HENRIQUE; HORA, 2012). No entanto, as pesquisas desenvolvidas em Maceió por Santos (1996) e Oliveira (2017) sugerem que o fator condicionante da palatalização seja a posição postônica, enquanto as demais posições inibem o processo.

O comportamento das variantes palatalizadas em relação ao sexo do falante revela que há uma preferência destas formas linguísticas pelas mulheres nos estudos realizados nos centros urbanos do Nordeste (SOUZA NETO, 2014); (MOTA; ROLEMBERG, 1997).

Em relação à variável escolaridade, as diversas pesquisas sobre a palatalização das oclusivas alveolares apresentam distintas estratificações, mas permitindo observá-las paralelamente, ao menos, quanto à distinção entre os colaboradores com maior e menor escolaridade. Em João Pessoa (HENRIQUE; HORA, 2012) e em Maceió (OLIVEIRA, 2017), o maior tempo de escolaridade é o contexto que mais favorece a palatalização das oclusivas

alveolares; os colaboradores do sexo masculino e com maior nível de instrução forma mais produtivos em Maceió.

A variável estilo de entrevista também apresentou condicionamento aos processos de palatalização das oclusivas alveolares onde foi investigada, no sentido de que estilo mais informal favorece o surgimento das formas palatalizadas, ao passo que o estilo formal as inibe (HENRIQUE; HORA, 2012) e (MOTA; ROLEMBERG, 1997). A relação do estilo com as realizações palatalizadas sugere que estas formas padecem de alguma marca social negativa, uma vez que são evitadas nos contextos mais formais.

O sexo masculino tem apresentado favorecimento das variantes palatalizadas em contexto progressivo em Aracaju, em João Pessoa e em Maceió (SOUZA NETO, 2014), (HENRIQUE; HORA, 2012) e (OLIVEIRA, 2017).

Apesar de a palatalização progressiva ser mais produtiva da região Nordeste, ela padece de um valor negativo, visto que os colaboradores do sexo feminino - que geralmente escolhem as formas linguísticas mais prestigiadas- demonstraram um uso menor no que diz respeito à palatalização progressiva.

3 A TEORIA DA VARIAÇÃO

Neste capítulo, apresentamos a teoria que fundamenta nossa investigação sociolinguística, a Teoria da Variação. Partimos de uma explanação breve sobre o surgimento da Sociolinguística e suas respectivas áreas de estudo ao passo que adentramos mais detalhadamente, a Teoria da Variação que constitui o enfoque desta pesquisa.

3.1 SOCIOLINGUÍSTICA: PRIMEIROS PASSOS

A tradição de relacionar a língua e a sociedade vem sendo refinada desde o século XX, mais precisamente, a partir dos anos 1930 por vários autores, de referência essencial para quem tem interesse nessa abordagem, dentre eles, ligados ao contexto europeu, podemos citar: Antoine Meillet, cujos pensamentos apontavam para a inseparabilidade da história das línguas e a sociedade; Mikhail Bakhtin, que afirmava ser por meio da interação verbal que a língua se constitui e não apenas por meio de um sistema abstrato de formas linguísticas; Marcel Cohen, o qual assumia a relação entre a língua e a sociedade a partir de fatores externos; Roman Jakobson, para quem o ponto de partida para os estudos linguísticos deveria ser o processo comunicativo amplo, privilegiando os aspectos funcionais da linguagem e Émile Benveniste, que acreditava ser através da língua onde o indivíduo e a sociedade se determinavam mutuamente.

Mais tarde, mais precisamente em 1964, em um congresso na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), organizado por William Bright - que contou com estudiosos da área, dentre elas: John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes, John Fisher e José Pedro Rona - o termo Sociolinguística fixou-se. Como resultado dos trabalhos apresentados no Congresso, Bright escreve o texto introdutório intitulado ‘Dimensões da Sociolinguística’ que traz as características e definições da nova área. (Cf. Alkmin, 2009, p. 28) De acordo com Alckmin (2009, p.28) é notória a dificuldade de Bright em definir a Sociolinguística, deixando evidente o quão vago é dizer que os estudos Sociolinguísticos são apenas um meio de relacionar a língua e a sociedade, no entanto, aponta para a principal característica da área, mostrar que a variação não é livre e desordenada, mas sistemática e correlata com o domínio social.

Conforme Meillet (1921) “Tem-se repetido frequentemente que as línguas não existem fora dos sujeitos que as falam, e, em consequência disto, não há razões para lhe atribuir uma existência autônoma, um ser particular”, ou seja, a vitalidade da língua se constitui através do meio social. Para Meillet, “a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao

qual se pode apelar a fim de explicar a mudança linguística é a mudança social, da qual as variações linguísticas são somente as consequências”. (Cf. Weinreich, Labov e Herzog, 2006, p. 114). Em vista disso, a melhor forma para explicar a variação linguística é fazer uma análise das condições sociais em que se encontra o fenômeno em enfoque, usando os fatores sociológicos para explicar como se dá a distribuição e mutação que o fenômeno pode sofrer, a fim de demonstrar a sistematicidade do uso.

De acordo com Labov (2009):

Se levarmos a sério o conceito de língua como uma forma de comportamento social, fica evidente que qualquer avanço teórico na análise do mecanismo da evolução linguística contribuirá diretamente para a teoria geral da evolução social. Quanto a isso, é necessário que os linguistas refinem e ampliem seus métodos de análise estrutural para o uso da língua em sociedades urbanas complexas. Para tanto, a linguística pode se valer agora de técnicas de metodologia de pesquisa; mais importante, muitas das abordagens teóricas da linguística podem ser reinterpretadas à luz de conceitos mais gerais de comportamento social desenvolvidos por outras ciências sociais. Assim, as principais conquistas da ciência linguística, que outrora pareceram remotas e irrelevantes para muitos sociólogos, podem finalmente ser vistas como consistentes com a atual orientação da sociologia e valiosas para a compreensão da função social e da mudança social. (LABOV, 2009, p. 150)

Podemos perceber, a partir das palavras de Labov, sua preocupação com uma teoria linguística refinada que leve em consideração a função social da língua, mas também tenha um aporte metodológico que dê conta de explicar os fenômenos linguísticos existentes na língua, contribuindo, dessa forma, para uma teoria geral da evolução linguística e social.

Sobre a contribuição de Labov para a Linguística de modo geral, Trudgill (1994) *apud* Campoy (2005, p. 18) salienta:

Além de ter sido o criador dessa forma de fazer linguística, Labov está na vanguarda há trinta anos e continua sendo não apenas seu maior e mais influente praticante, mas também o melhor [...] Embora os livros mais recentes de Labov estejam disponíveis para um público mais amplo, tornaremos as futuras gerações de sociolinguistas inspiradas e motivadas pela percepção de que o estudo da linguagem de pessoas reais, como elas falam no curso de suas vidas diárias, pode não ser apenas, e certamente não é, a maneira mais fácil de fazer linguística, mas também é a mais essencial e reconfortante. (TRUDGILL, 1994)¹ (tradução nossa)

Sem dúvida, a contribuição de Labov foi essencial para o reconhecimento de que a língua é variável e que essa variabilidade pode ser relacionada a fatores sociais e explicada

¹ No original: Además de haber sido el creador de esta forma de hacer Lingüística, Labov se ha mantenido al frente de ella durante treinta años y ha continuado siendo no solo su practicante mayor y más influyente sino además el mejor [...] Poniendo la investigación y pensamiento más recientes de Labov a la disposición de una audiencia más amplia, conseguiremos que las generaciones futuras de sociolingüistas se inspiren y motiven al percatarse de que el estudio de la lengua de gente real tal y como habla en el curso de sus vidas cotidianas puede que no sea sólo, y ciertamente no lo es, la forma más fácil de hacer Lingüística, sino que además es la más esencial y reconfortante.

por meio deles. Além disso, a Sociolinguística aponta para a regularidade das variantes linguísticas, demonstrando que a língua é heterogênea, mas não caótica.

3.2 SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A Sociolinguística Variacionista é um modelo teórico metodológico que se faz presente num espaço interdisciplinar, numa fronteira entre a língua e a sociedade, levando em conta a contribuição que o falante pode dar no processo de mudança da língua. Seu objeto de estudo é a variação linguística - entendida como formas diferentes de dizer a mesma coisa, em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade - correlacionando-a a diferenças de natureza social, entendendo o domínio linguístico e o social como fenômenos estruturados e regulares.

Camacho (2009, p. 61) afirma que “o estudo de uma unidade com características da variável linguística só é possível no interior de um arcabouço teórico que abandone o postulado ainda vigente de categoricidade, o que de pronto se deu com a Sociolinguística laboviana”. Os estudos sociolinguísticos visam a relação entre a língua e a sociedade, tendo como objetivo principal a sistematização de variantes linguísticas.

Este tipo de estudo foi alavancado por William Labov (1960) que propôs um modelo de análise quantitativa para a sistematização da língua em uso, denominado Teoria da Variação.

A respeito da variação e o desenvolvimento social, Labov (2009) aponta:

A variação no comportamento linguístico não exerce, em si mesma, uma influência poderosa sobre o desenvolvimento social, nem afeta drasticamente as perspectivas de vida do indivíduo; pelo contrário, a forma do comportamento linguístico muda rapidamente à medida que muda a posição social do falante. Essa maleabilidade da língua sustenta sua grande utilidade como indicador de mudança social. (LABOV, 2009, p. 140)

A variação linguística dentro de uma comunidade de fala, portanto, deve ser vista como um reflexo da organização social de tal comunidade, pois de acordo com a situação social do indivíduo, ele passa a usar a língua de forma distinta, moldando seu uso linguístico em detrimento da sua situação social atual. Contudo, se fizermos uma análise detalhada do comportamento linguístico em uma dada comunidade de fala poderemos identificar como se dá a estratificação de classe contida nela.

A partir da coleta de dados em situações reais de comunicação, a Teoria da Variação linguística analisa exemplares da língua em uso num contexto social e pode dirigir, assim, seu foco de interesse imediato para condicionamentos externos. De acordo com Labov (2008, p.

238) “A existência de variação e de estruturas heterogêneas nas comunidades de fala investigadas está certamente bem fundamentada nos fatos”. A saber, a heterogeneidade não é algo considerado comum, mas o resultado natural de fatores linguísticos fundamentais.

De acordo com Mollica (2007), a variação linguística pressupõe a existência de formas linguísticas que alternam entre si, as quais são chamadas variantes, estas configuram um fenômeno variável dependente, ou seja, o fenômeno que se objetiva estudar. Dessa forma, é possível demonstrar que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por fatores sociais ou estruturais.

As variáveis, tanto linguísticas quanto não linguísticas operam num conjunto complexo de correlações que inibem ou favorecem o emprego de formas variantes equivalentes. É necessária a identidade de contextos para que duas ou mais variantes possam ser atribuídas à mesma variável.

Sobre a variável linguística Weinreich, Labov e Herzog (2006) afirmam:

Uma variável linguística tem de ser definida sob condições estritas para que seja parte da estrutura linguística; de outro modo, se estará simplesmente escancarando a porta para regras em que “frequentemente”, “ocasionalmente” ou “às vezes” se aplicam. A evidência quantitativa para a covariação entre a variável em questão e algum outro elemento linguístico ou extralinguístico oferece uma condição necessária para admitir tal unidade estrutural. (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006, P. 107)

No conjunto de variáveis internas encontram-se os fatores de natureza fonética, morfológica, sintática, semântica, discursiva e lexical, levando em conta o nível do significante e do significado como os diversos subsistemas da língua. Já no conjunto de variáveis externas à língua, encontram-se os fatores inerentes ao indivíduo, sociais e contextuais. As variáveis internas que serão exploradas neste trabalho são: contexto anterior ao (possível) gatilho, contexto posterior ao gatilho, tonicidade, tamanho da palavra em sílabas, fronteira lexical, vozeamento. Quanto aos fatores externos à língua, serão levados em conta a faixa etária, sexo, escolaridade e naturalidade.

Os diferentes grupos de fatores linguísticos não atuam isoladamente, tem-se então, a necessidade de uma análise cuidadosa que leve em conta a influência de condicionamentos dos diversos níveis sobre a realização da variável em estudo. A abordagem metodológica da Sociolinguística Variacionista tem como foco a análise quantitativa de dados, coletados através de gravação de voz, a fim de demonstrar estatisticamente a variabilidade e a relevância das ocorrências presentes nos dados obtidos.

3.2.1 Comunidade de fala

A noção de comunidade de fala, (doravante CF) é um conceito primordial para os estudos sociolinguísticos, visto que é a partir dela que se busca entender os fenômenos existentes na língua. No entanto, a busca por uma definição do que seria uma comunidade linguística levantou muitos problemas entre teóricos. Calvet (2002, p. 103) traz as definições de CF de Martinet (1964) e Bloomfield (1970), em que este acredita que “Uma comunidade linguística é um grupo de pessoas que age por meio do discurso”, enquanto aquele afirma que “A língua existe desde que a comunicação se estabelece [...] e que se tem uma só e mesma língua e quando a comunicação é efetivamente assegurada”.

Nota-se que nos dois casos supracitados a definição de língua se sobressai à definição de comunidade linguística. A esse respeito, Calvet (2002, p. 107) afirma que “esse problema é central, pois os linguistas, quando querem definir uma comunidade linguística, só consideram o segundo termo desse sintagma, o adjetivo, como se na *comunidade linguística* só houvesse *língua*, esquecendo que há também *comunidade*”.

Sobre a comunidade de fala Severo (2008) aponta:

Além de valores conscientes em relação à língua, os falantes de uma mesma comunidade de fala compartilham, inconscientemente, aspectos essenciais do sistema linguístico – as regras gramaticais –, sendo que os indivíduos adquirem tal sistema sem que eles possam escolher falar deste ou daquele jeito (SEVERO, 2008, p. 8).

Labov (2009) conceitua comunidade de fala, não como um grupo de falantes que compartilham as mesmas formas linguísticas, mas como um grupo de pessoas que compartilham determinadas normas de usos linguísticos. Sendo assim, este estudo corrobora com a definição de CF de Labov, pois acreditamos que é necessário não só o compartilhamento de vocabulário entre os falantes, mas que haja um padrão dos usos linguísticos para que se configure uma CF.

De acordo com Guy (2000, p. 18) ao trabalhar com a noção de CF, a Sociolinguística tem como objetivo unir idioletos de falantes individuais, procurando estabelecer quais traços linguísticos são compartilhados, e quais os distinguem de outros grupos de falantes. Dessa forma, é correto afirmar que um falante pode pertencer a mais de uma comunidade de fala, ao passo que as comunidades se mostram encaixadas umas nas outras pelo compartilhamento de traços linguísticos diversos. Este modelo pode favorecer a observação de uma comunidade mais geral da língua quanto à observação de comunidades locais permitindo o cruzamento dos traços linguísticos compartilhados (Cf. Wiedemer, 2008, p. 2).

Para Calvet (2002),

A única maneira de ir até o fim da concepção da língua como fato social não é perguntar quais são os da sociedade sobre a língua, ou da língua sobre a sociedade, pois isso seria, uma vez mais, fazer o problema sociolinguístico derivar do problema linguístico, como um problema diferente, sucessivo ou ulterior. Trata-se, bem ao contrário, de dizer que *o objeto de estudo da linguística não é apenas a língua ou as línguas, mas a comunidade social em seu aspecto linguístico*. Desse modo, as diversas abordagens que vez por outra foram tentadas pelas variantes da sociolinguística podem se hierarquizar de maneira lógica. (CALVET, 2002, p. 108)

É necessário que se estude a comunidade de fala considerando seu material humano e social tão importantes quanto seu material linguístico, só assim, poderemos entender como o linguístico e o social se complementam.

3.2.2 O método quantitativo

A Teoria da Variação é conhecida também como ‘Sociolinguística quantitativa’, pois se utiliza de estatística para descrever e analisar os dados coletados. Esse modelo teórico, proposto por Labov, segue uma agenda específica de passos que devem ser observados para uma análise eficiente dos dados. Para Guy e Zilles (2007, p. 73), “o uso de métodos estatísticos, contudo, permite demonstrar o quão central a variação pode ser para o entendimento de questões como identidade, solidariedade ao grupo local, comunidade de fala, prestígio e estigma, entre tantas outras”.

Com o seu célebre trabalho sobre a estratificação social do /r/ em lojas de departamento da cidade de Nova York, Labov deixa claro os passos necessários a seguir para uma pesquisa sociolinguística de qualidade.

Primeiramente, é necessário que o pesquisador esteja atento ao convívio da comunidade de fala que se pretende estudar, faz-se necessário, dessa forma, um trabalho observacional prévio sobre o uso e as possíveis pressões sociais que podem estar influenciando determinado uso. A partir de tal escolha metodológica, pode-se afirmar quais formas linguísticas coexistem em um mesmo contexto. A essas formas alternativas chamamos variante, ao passo que ao conjunto dessas variantes, denominamos variável dependente, ou seja, o emprego dessas variantes não é feito aleatoriamente, mas influenciados por grupos de fatores de natureza social ou estrutural.

Em segundo lugar, o pesquisador deve fazer um planejamento prévio de como estruturar sua pesquisa a fim de coletar os dados desejados. Para tanto, Labov propôs um método narrativo no qual as pessoas falavam de tópicos variados, como narrativa de risco de vida, por exemplo, na tentativa de coletar o vernáculo da comunidade de fala, ou seja, a língua

usada pelos indivíduos selecionados, em seu convívio social. Labov(2009) chama a atenção para o que ele denomina ‘paradoxo do observador’, quando o colaborador da pesquisa se sente observado e monitora sua forma de falar, camuflando, por assim dizer, seu falar natural.

Portanto, é necessário um bom planejamento para que a entrevista seja bem sucedida e que o participante não se sinta intimidado pela presença do pesquisador ou de seus materiais de coleta.

A metodologia adotada por Labov em sua pesquisa sobre a estratificação do /r/ em lojas de departamento em Nova Iorque, traz para o trabalho de campo cinco axiomas centrais, são eles:

- (i) Alternância de estilo: alguns informantes tendem a demonstrar uma alternância de estilo mais evidente que outros, no entanto, todo falante apresenta alternância em algumas variáveis a depender do contexto social em que está inserido;
- (ii) Atenção: o estilo do informante pode sofrer alteração a depender do grau de atenção que ele exhibe sobre a sua própria fala;
- (iii) Vernáculo: alguns estilos demonstram uma carga de hipercorreção acentuada por parte dos falantes, no entanto, à fala mais aproximada do que o informante costuma utilizar no seu convívio social não monitorado, denominamos vernáculo, ao observar tal uso pode-se obter dados mais sistemáticos para uma análise da estrutura linguística;
- (iv) Formalidade: a partir de qualquer observação sistemática é possível perceber que o falante molda sua maneira de falar a partir do nível de formalidade a que está exposto, no entanto, para obter o vernáculo é preciso criar um ambiente favorável em que o colaborador se sinta à vontade e menos monitorado;
- (v) Bons dados: diferentemente de pesquisas feitas em um ambiente ideal, de laboratório, a pesquisa de campo lida com problemas de qualidade dos dados ocasionado pela intenção de capturar uma fala espontânea, as entrevistas são feitas, geralmente, em ambientes que deixem o falante à vontade, por esse motivo, os dados podem ser comprometidos pelos ruídos externos à entrevista.

Sobre o estudo do vernáculo da língua, Bagno (2007) aponta:

Por meio do estudo do vernáculo podemos identificar, por exemplo, quais são as regras gramaticais que realmente pertencem ao português brasileiro contemporâneo, aquelas que são as mais usualmente empregadas pelas pessoas em suas interações cotidianas. Ao mesmo tempo, podemos identificar quais são as regras que estão deixando de ser usadas, caindo em obsolescência, com probabilidade de desaparecer da língua num futuro próximo. (BAGNO, 2007, p. 52)

A coleta de dados é seguida pela transcrição - momento em que o pesquisador transpõe as gravações de voz para a forma textual - e a codificação - quando os dados são agrupados em códigos que se referem a cada fator escolhido para análise - a fim de fazer rodadas no programa escolhido e converter o texto em estatística. De acordo com Guy e Zilles (2007, p. 19) “toda pesquisa dialetal, seja ela geográfica ou social, é inerentemente quantitativa”. A pesquisa sociolinguística quantitativa faz uso de programas estatísticos para rodar os dados, fazendo o cruzamento entre as variáveis linguísticas e extralinguísticas.

Os programas mais utilizados neste tipo de estudo são os do pacote Varbrul e nos trabalhos mais recentes, tem-se usado com frequência o programa ‘R’. Ambos trazem valores importantes para a análise dos dados como a significância dos fatores para a variável, o peso relativo destas realizações, a porcentagem de realizações obtidas entre outros. Sendo assim, optamos pelo uso do programa Goldvarb X, nova versão do Varbrul, o qual é considerado uma das ferramentas-chave da Sociolinguística Variacionista em termos metodológicos.

A partir deste programa, é possível fazer análises univariadas ou multivariadas, ou seja, unidimensionais ou multidimensionais e tabulações cruzadas. As análises univariadas são casos em que se testam o efeito de uma variável independente sobre uma variável dependente. Tais resultados aparecem sob a forma de frequências absolutas e relativas. As multivariadas permitem investigar situações em que a variável linguística em estudo é influenciada por vários elementos do contexto, ou seja, múltiplas variáveis independentes. Essa investigação mede os efeitos, bem como a significância dos efeitos, dessas variáveis independentes sobre a ocorrência das realizações da variável dependente. Os resultados obtidos se apresentam como pesos relativos. A tabulação cruzada, por sua vez, mostra as relações – ou a falta delas – entre as variáveis independentes (GUY; ZILLES, 2007).

Sobre a análise quantitativa Tarallo (2009, p.49) aponta “O tratamento estatístico dos dados indicará que certos grupos de fatores são, na realidade, responsáveis pela implementação de uma variante e que outros, ao contrário, não demonstram qualquer efetividade na aplicação da regra variável”. É a partir da análise estatística que descobrimos se os fatores elencados exercem ou não, implicação sobre o uso da variável dependente.

Sobre o método quantitativo na análise linguística Labov (2009) aponta:

Por meio do estudo direto da língua em seu contexto social, o montante de dados disponíveis se expande enormemente e nos oferece formas e meios de decidir qual das várias análises possíveis está correta. Em nossas operações preliminares sobre os dados iniciais, considerações de simplicidade sempre terão lugar; mas encontrada a correta linha de ataque, é possível provar se a hipótese simples inicial é a correta. (LABOV, 2009, p. 237)

Por fim, se faz a interpretação e explicação dos dados, ou seja, a parte mais importante de todo processo, pois o objetivo final de qualquer pesquisa dialetal não é apenas produzir números, mas usá-los como demonstrativo para explicar fenômenos linguísticos. Nesse sentido, Guy e Zilles (2007, p. 42) afirmam que “os números não são a resposta a nenhuma de nossas perguntas; eles são apenas estatísticas inferenciais adicionais que podemos usar como indicadores empíricos na nossa busca por respostas”.

Sendo assim, não basta que o pesquisador somente se detenha aos quantitativos obtidos, mas também, tenha um olhar preciso para entender quais fatores influenciam a variável que se objetiva estudar.

3.2.3 *Mudança linguística*

A variação linguística se dá quando temos duas formas de uso que ocupam o mesmo lugar em uma comunidade de fala, no entanto, é imprescindível destacar que nem toda variação linguística indica uma mudança, entretanto, para haver mudança é necessário que haja uma variação. Podemos considerar a mudança linguística a partir de três estágios:

- (i) Na sua origem, uma mudança advém de uma das diversas variações utilizadas pelos usuários da língua;
- (ii) na sua propagação, a mudança é usada tão amplamente pelos usuários da língua que perpassa o uso de outras variantes, consideradas mais antigas, no processo de interação social;
- (iii) no seu término, a mudança alcança um nível de regularidade no uso, eliminando as variantes concorrentes (Cf. Labov, 2009, p. 152).

Denomina-se mudança linguística quando há a realização acentuada de uma variante inovadora em detrimento de uma variante concorrente, ou seja, para de existir uma concorrência entre variantes que se alternavam, para dar lugar a um novo uso linguístico dentro da comunidade de fala. Uma vez constatada essa mudança em progresso, com base em dados de tempo aparente, é necessário fazer um encaixamento histórico da variável no tempo real (Cf. Tarallo, 2009, p. 70).

Sobre a contextualização da mudança linguística Meillet (1906a *apud* WEINRICH, LABOV e HERZOG, 2006, p. 76) aponta:

As mudanças linguísticas ganham significado apenas se se considera o todo do desenvolvimento de que elas são parte; a mesma mudança tem uma importância absolutamente diferente, dependendo do processo que ela manifesta, e nunca é legítimo tentar explicar um detalhe fora de uma consideração do sistema geral da língua em que ela aparece. (WEINREICH, LABOV e HERZOG, 2006, p. 76)

É imprescindível que a mudança linguística seja vista como advinda do social, portanto, não se deve pensar nela como caso isolado na língua, mas contextualizá-la à comunidade de fala na qual ela se apresenta, para a partir deste ponto, explicar como se dá a regularidade dos usos encontrados. Nesse sentido, Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 62) defendem a necessidade de que haja uma teoria da mudança linguística.

Para eles, uma teoria bruta que lida apenas com os sons da fala, separadamente, não dá a possibilidade de generalizações sobre a língua, enquanto uma teoria refinada, que leve em consideração os fatores envolvidos no processo de uso da língua, pode embasar tais generalizações.

Sendo assim, uma teoria da mudança objetivaria a determinação do conjunto de mudanças possíveis e as condições possíveis para a mudança, estabelecendo empiricamente os correlatos subjetivos dos diversos estratos e variáveis numa estrutura heterogênea.

De acordo com Labov (2009):

A diferença entre uma mudança em andamento e uma mudança avançada pode ser vista claramente às vezes no padrão da distribuição social. Uma mudança pode começar primeiro num grupo social localizado em qualquer ponto da hierarquia social. Enquanto ela está se desenvolvendo e se expandindo, ainda se pode ver o padrão em pirâmide através de diversas faixas etárias, com os valores mais altos nos falantes mais jovens do grupo original. Mas quando a mudança atinge um estado avançado, e todas as classes sociais são afetadas, ela frequentemente se torna estigmatizada, e a correção social da fala formal começa a obscurecer o padrão original. Nesse caso, temos uma distribuição linear, com a classe social mais alta exibindo a menor frequência do traço estigmatizado na conversa cotidiana. (LABOV, 2009, p. 336)

Vale salientar que a mudança linguística não se trata de algo acabado, mas é um processo contínuo advindo da interação social. Nesse sentido, Sturtevant (1947, p.41) afirma que “uma mudança linguística começa quando um dos muitos traços característicos da variação na fala se difunde através de um subgrupo específico da comunidade de fala. Este traço linguístico então assume uma certa significação social - simbolizando os valores sociais associados àquele grupo”. Desse modo, pode-se afirmar que a mudança linguística é um reflexo da mudança na comunidade linguística e conseqüentemente da língua, ao passo que os falantes têm influência direta na (re) construção linguística.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo descrevemos os processos metodológicos aos quais se submeteu esta pesquisa, bem como a localidade onde foi feito este estudo, assim como os parâmetros escolhidos para a coleta, para o tratamento e para a análise dos dados.

A coleta de dados para este trabalho foi realizada de acordo com as orientações metodológicas da Sociolinguística Variacionista, tendo como precursor William Labov (2008). Esta pesquisa é de cunho quantitativo, ao passo que foram feitas análises estatísticas para descrever o comportamento da variante dependente em contexto fonológico progressivo em Santana do Ipanema.

Para a realização desta pesquisa, foram entrevistadas 20 pessoas estratificadas por sexo, masculino e feminino; idade, em duas faixas que variam entre 22 e 48 anos e acima de 52 anos; não houve estratificação de escolaridade, uma vez que analisamos apenas um nível de ensino, superior. Como critério para participar desta pesquisa, os colaboradores deveriam ser nascidos em Santana do Ipanema, ou ter vindo para esta cidade com até cinco anos de idade e não ter saído para morar em outro lugar a menos de dois anos.

Os dados analisados foram coletados por meio de entrevistas semi-estruturadas, leitura de enunciados e leitura de texto curto. As variáveis linguísticas investigadas foram: contexto anterior ao gatilho, tonicidade, tamanho da palavra em sílabas, fronteira lexical e sonoridade.

A análise foi feita levando em consideração as variantes: diatópica (variante dialetal regional), diafásica (variante de acordo com idade e sexo), no intuito de verificar se o contexto é favorável para a produção da variante em estudo.

4.1 LOCAL DA PESQUISA

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE -2021), a cidade de Santana do Ipanema está localizada na Mesorregião do sertão alagoano, microrregião de Santana do Ipanema, centro-norte do sertão. Está situada a 207 km da capital do estado, Maceió, dispondo de uma área territorial de 437,875 km², resultando em uma densidade demográfica de 102,61 habitantes por quilômetro quadrado. Atualmente, a população estimada de Santana do Ipanema é de 47.910 habitantes.

Figura 1. Mapa das cidades de Alagoas.

Destaque-se a microrregião de Santana do Ipanema, localizada no médio sertão alagoano, definida por número 2 na legenda.



Fonte: Encontra AL. Disponível em: <https://www.encontraalagoas.com.br/mapas/mapa-cidades-do-alagoas.htm>

4.1.1 História

Os primeiros habitantes do lugar foi o povo Fulni-Ô² que pertenciam à tribo localizada na serra de Águas Belas, no estado de Pernambuco. Eles viviam espalhados ao longo das margens do rio Ipanema e foram afugentados pelas chamadas “Entradas e Bandeiras” (Descendedores e Corsários) que realizaram as primeiras penetrações no rio São Francisco, de 1656 a 1661.

Na segunda metade do século XVII, Martinho Rodrigues Gaia e seus irmãos, Martinho e Pedro Vieira Rego chegaram a Ribeira do Panema – primeiro nome do lugar – após tomar conhecimento de que havia grande extensão de terras e boa agropecuária na região. Os irmãos Vieira Rego e suas famílias se instalaram na localidade, formando as primeiras fazendas de cria da região. Esses fazendeiros foram dando nome às suas propriedades, aos acidentes geográficos e às povoações que iam surgindo.

Em 1787, quando Santana do Ipanema era um simples arraial, chegou à região o Padre Francisco José Correia de Albuquerque, construindo neste mesmo ano, uma capela em honra a Senhora Santa Ana, atual padroeira da cidade. Toda a região que se chamava Ribeira do

²Fulni-Ô em Yaathe quer dizer: Povo que vive na beira do rio.

Panema passou a partir da fundação da capela, a ser apontada como Sant'anna da Ribeira do Panema. Vale ressaltar que o rio Ipanema é o mais importante acidente geográfico da região, compondo o nome dado a cidade. A povoação cresceu, e cinquenta anos depois já contava com 4.703 habitantes, dos quais 570 eram escravos.

Em 24 de Abril de 1875, Santana torna-se Vila pela resolução nº 681, desmembrando-se do território de Traipu, com estrutura própria político-administrativa, com poderes para arrecadar tributos, prestar contas deles ao erário estadual, eleger intendentess – atuais prefeitos – e conselheiros – atuais vereadores. O nome da cidade foi sofrendo modificações desde 1787 até meados de 1921 quando a vila recebeu título de cidade, passando a se chamar Santana do Ipanema.

4.1.2 Aspectos econômicos

A economia do município é embasada na agropecuária e no comércio. Na agricultura destacam-se o feijão e o milho. O algodão já foi um plantio importante que garantia a complementação financeira da região, mas foi disseminado pela praga de um inseto chamado “bicudo”. Atualmente existem vários programas para geração de emprego e renda; dentre eles a avicultura caipira, ovinocaprinocultura do leite e de carne, bovinocultura de leite e apicultura.

O comércio e a prestação de serviços estão em ampla expansão na cidade, atraindo novas repartições, casas comerciais, instalações de inúmeros outros serviços como escolas superiores presenciais e à distância, escolas técnicas, dando ritmo dinâmico à cidade que se expande substancialmente. A região conta também com pequenas fábricas como confecção de tecidos, pré-moldados, arreios, entre outros. O artesanato tem grande destaque nas mais diferentes áreas como escultura, pintura e tecidos.

4.1.3 Aspectos educacionais

A primeira escola da região foi fundada em 1906 por Enéas Augusto Rodrigues de Araújo e Maria Joaquina de Araújo, funcionando até 1914. Atualmente, a cidade conta com inúmeras escolas, desde o ensino infantil ao ensino médio. Conta também com o Instituto Federal de Alagoas (IFAL) com os cursos técnicos em administração e agropecuária.

As instituições de Ensino Superior instaladas na cidade são a Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), com os cursos de Pedagogia e Zootecnia e Universidade Federal de Alagoas com os cursos de Economia e Ciências Contábeis. Há também um Polo da

Universidade Aberta do Brasil, abarcando a Universidade Federal de Alagoas (UFAL) com os cursos de Administração, Física, Pedagogia e Sistema de Informação; O Instituto Federal de Pernambuco (IFPE) com o curso de Matemática e a Universidade Nacional de Brasília (UnB) com o curso de Educação Física.

4.1.4 Aspectos culturais

Santana do Ipanema sempre teve destaque no mundo cultural desde os tempos de vila. Atualmente, conta com inúmeros cantores santanenses, poetas, escritores – alguns conhecidos nacionalmente – e músicos. A cidade também dispõe de um Museu (DarrasNoya), onde é possível encontrar documentos históricos, fotografias, entre outros artefatos que contam a história da localidade. A Casa da Cultura, inaugurada na gestão atual, dispõe de livros dos mais variados temas, auditório para reuniões e uma sala de exposição cultural, enriquecendo esta terra com a cultura local. Vale ressaltar que foi cedida, por esta instituição, uma sala silenciosa para a realização das entrevistas deste estudo.

4.2 COLETA DE DADOS

A coleta de dados com os 20 colaboradores se deu entre dezembro de 2021 e fevereiro de 2022. Todos os colaboradores foram voluntários e permitiram a gravação e utilização dos dados assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido³ - TCLE (ver anexo 1). Por se tratar de uma pesquisa Sociolinguística que visa trabalhar com o vernáculo da língua, optamos por não fornecer detalhes sobre o objeto de estudo a ser pesquisado no momento anterior à entrevista. No entanto, esclarecemos aos colaboradores, no momento posterior à entrevista, sobre a finalidade da pesquisa e da necessidade de assinarem o TCLE, para que pudesse, então, fazer uso dos dados.

A fim de não revelar detalhes sobre o objeto de estudo da pesquisa, informamos que se tratava de uma pesquisa de opinião sobre a cidade de Santana do Ipanema e sua ligação com os moradores. Por se tratar de uma pesquisa que precisa de dados espontâneos da língua, o fato de o colaborador saber que se trata de uma investigação de um processo linguístico antes da realização da entrevista, poderia levá-lo a monitorar sua fala e interferir no andamento da pesquisa. Ao final da entrevista, os colaboradores leram e assinaram o TCLE, o qual contém todas as informações da pesquisa e autorizaram o uso das gravações coletadas.

Por esse motivo, buscamos deixar o colaborador à vontade para expressar suas

³ O TCLE desta pesquisa foi aprovado pelo comitê de ética em pesquisa com o número de CAAE: 53353621.7.0000.5208

opiniões, sem interferências, a fim de coletar o mais natural possível na sua fala. Embora não tenha considerado como estratificação para a pesquisa a localidade, coletamos entrevistas de colaboradores residentes tanto na zona urbana, quanto na zona rural de Santana do Ipanema.

As gravações de voz foram coletadas com um gravador digital Sony ICD-PX240, em formato WAV, que nos permitiu gravar um total de aproximadamente 280 minutos de conversação com os 20 colaboradores, resultando uma média de 14:00 (quatorze minutos) por pessoa entrevistada.

4.2.1 Constituição da amostra da pesquisa

De acordo com Guy e Zilles (2007) em termos estatísticos, 5 colaboradores por célula são suficientes em uma amostra, se elencados bons critérios no que diz respeito às variáveis envolvidas. Dessa forma, no intuito de representar a comunidade linguística, foram coletados dados, por meio de entrevistas semi-estruturadas, de 20 participantes, os quais foram divididos em quatro células para análise estatística: 5 homens de 22-48 anos, 5 mulheres de 22-48 anos; 5 homens com mais de 52 anos e 5 mulheres com mais de 52 anos; todos os participantes eram nascidos em Santana do Ipanema e cursaram o Ensino Superior, visto que consideramos falantes com este nível de escolaridade, usuários da língua culta, ou seja, o uso mais privilegiado da língua.

A coleta de dados foi feita em uma sala silenciosa, cedida pela Casa de Cultura de Santana do Ipanema, a fim de obter melhor qualidade de áudio. As entrevistas se deram de forma individual, no intuito de preservar a privacidade do(a) colaborador(a). A coleta só teve início ao sinal do(a) entrevistado(a), o(a) mesmo(a) foi informado que poderia pausar e/ou cancelar a entrevista a qualquer momento. No entanto, nenhum dos colaboradores optou por abandonar a pesquisa.

Iniciamos com o preenchimento do questionário social (ver anexo 1) para verificação das particularidades pretendidas de cada colaborador(a), como: idade, sexo, escolaridade etc. Logo após, o(a) colaborador(a) foi convidado(a) a fazer a leitura em voz alta de uma lista de palavras, exposta a seguir.

Em seguida, ele(a) foi convidado(a) a ler, em voz alta, um texto curto que continha enunciados que possibilitam a produção da variante em estudo, quando se sentisse à vontade. A lista de palavras escolhidas para uma pré-análise foram em contexto posterior à semivogal [j]: seita, oitavo, doido, muito, coitado, direito, prefeito, anoitecer, doideira, endireitar, muita, aceitava; e em contexto posterior à fricativa /S/: agosto, gosto, vista, gostoso, desdém, estudo, notas do, estava, que foram inseridas em enunciados veículo como tais:

- (i) O menino achou que aquela noite foi a maior **doideira**.
- (ii) O ator interpretou o papel de **prefeito** naquele filme.
- (iii) A enfermeira ajudou o velhinho porque achou que o **coitado** estava perdido.
- (iv) A **vista** daqui ao **anoitecer** é fantástica.
- (v) Desde **agosto** espero o resultado do concurso.
- (vi) A **seita** não **aceitava** tais imposições.
- (vii) Os professores **estavam** frustrados com as **notas** do **oitavo** ano.
- (viii) Eu **gostomuito** de você.
- (ix) O aspecto da tela demonstra **muita** inspiração.
- (x) A menina tratou com **desdém** seus colegas de **estudo**. (Ver anexo 3)

Na sequência, os colaboradores leram um texto curto que continha enunciados com ambiente favorável para a palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/. (Ver anexo 4)

Por último, foi feita uma entrevista semi-estruturada sobre aspectos históricos pessoais e sua relação com a cidade de Santana do Ipanema, (ver anexo 2) a fim de coletar a fala mais natural do(a) participante e que tenham um ambiente favorável para a realização do fenômeno que se pretende estudar.

4.2.2 Tratamento dos dados

Após a realização de todas as entrevistas, providenciamos as transcrições ortográficas das falas dos colaboradores, que foram feitas no Microsoft Word 2019, totalizando 120 páginas de transcrições ortográficas, resultando em uma média de 6 páginas por áudio ouvido.

Em seguida, foram ressaltadas, em negrito, as transcrições fonéticas dos trechos que apresentaram um ambiente favorável para a variante palatalizadas das consoantes oclusivas alveolares /t/ e /d/, como as realizações palatalizadas dessas variantes. Por fim, foi feita uma tabela de realização global, na qual os colaboradores foram divididos por sexo, feminino e masculino e por faixa etária, primeira (22-48 anos) e segunda (+ 52 anos), a fim de contrastar as realizações palatalizadas coletadas.

Todo o material coletado, inclusive os áudios e as transcrições ortográficas e fonéticas, estão sob a nossa guarda, arquivados em um computador pessoal.

Nesses dados, a palatalização das oclusivas alveolares realizou-se em dois contextos; ou com a presença da fricativa alveolar /S/ ou da semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas, o que caracteriza uma típica palatalização progressiva. Este fenômeno pôde ser observado através de formas linguísticas como “agos[tj]o”, “prefei[tj]o”, “muj[tj]o”, vis[tj]o, entre outras.

Apenas um dos 20 colaboradores, não produziu nenhuma forma palatalizada, sendo que 19 deles produziram a palatalização das oclusivas alveolares em contexto progressivo, evidenciando um maior uso desta variante na fala santanense.

Dessa forma, objetivamos com este trabalho, analisar quais os condicionantes sociais e fonológicos que atuam nos processos de palatalização das oclusivas alveolares, bem como descrevê-los a partir de regras que permitam a generalização desses fenômenos.

4.2.3 Definição das variáveis

No intuito de identificarmos a regra variável de palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ em Santana do Ipanema, Alagoas, apresentamos a variável dependente e as variáveis independentes que norteiam o presente trabalho.

4.2.4 Variável dependente

Neste estudo, examinaremos a regra variável da palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ em contexto fonológico progressivo em Santana do Ipanema, Alagoas.

Durante o trabalho de coleta das ocorrências, registramos as seguintes variantes das oclusivas alveolares /t/ e /d/, a saber:

- a) oclusiva alveolar desvozeada [t]: jei[t]o e bas[t]ante;
- b) oclusiva alveolar vozeada [d]: des[d]e e doi[d]inho;
- c) africadaalveolopalatal desvozeada [tʃ] : mui[tʃ]o e ges[tʃ]o.

Não foram registradas ocorrências da variante africada alveolopalatal vozeada [dʒ] na constituição do corpus desta pesquisa. Dessa forma, seguiremos apenas com a análise estatística da variante africada alveolopalatal desvozeada [tʃ].

4.2.5 Variáveis independentes

As variáveis independentes são formadas por grupo de fatores de natureza linguística e social, os quais podem motivar ou desfavorecer a aplicação da regra variável em estudo.

4.2.6 Variáveis linguísticas

As variáveis linguísticas são fatores internos ao sistema que, em contextos linguísticos específicos, favorecem ou inibem a realização de uma ou mais variantes.

Para a realização de análise estatística que correlaciona os fatores internos da língua

aos processos de palatalização das oclusivas alveolares, selecionamos cinco grupos de fatores linguísticos, além da variável dependente, que deve ser analisada matematicamente, por sua natureza binária, como palatalizada ou não.

As variáveis linguísticas a serem investigadas serão: contexto anterior ao gatilho, fronteira lexical, sonoridade, tonicidade e tamanho da palavra em sílabas.

4.2.6.1 Contexto anterior

A variável dependente será medida pela realização ou não das variantes palatalizadas das oclusivas alveolares /t/ e /d/ em contexto fonológico progressivo, como nos segmentos linguísticos do tipo “muito”, “gosto”, “prefeito”, “estudo”.

O contexto anterior à oclusiva visa investigar como o elemento sonoro que antecede a consoante oclusiva pode ou não interferir nos processos de palatalização. Com base nos dados obtidos e conforme o estudo de Oliveira (2017), este ambiente pode ser ocupado por dois elementos linguísticos, a fricativa alveopalatal /S/, como em palavras do tipo “presto”, “gesto”, “paulista” e a semivogal [j] que acompanha ditongos, em formas linguísticas do tipo “muito”, “feito” e “oitenta”.

Trabalhos como o de Santos (1996), Henrique e Hora (2012), Souza Neto (2014), Oliveira (2017), Souza Neto (2020) e Oliveira;Oliveira (2021) têm demonstrado que a presença da semivogal [j] em contexto anterior à oclusiva tem condicionado este processo de palatalização.

Assim, a hipótese que assumimos é que a presença da fricativa /S/ em contexto anterior tem maior probabilidade de favorecimento do processo de palatalização das oclusivas alveolares em contexto progressivo.

4.2.6.2 Fronteira lexical

No que diz respeito a fronteira das palavras, visamos investigar se há condicionamento do limite das palavras lexicais nos processos de palatalização ou se a expansão da barreira lexical para formação de palavras fonológicas pode favorecer esse processo.

Em nenhum dos trabalhos realizados até agora, o contexto de fronteira lexical se mostrou mais produtivo no que tange aos processos de palatalização das oclusivas alveolares em contraste com o ambiente de não fronteira, no entanto, trabalhos como os de Souza Neto (2014), Oliveira (2017) e Oliveira;Oliveira (2021) indicam que o contexto de fronteira tem

demonstrado ser um ambiente possível de palatalização, em palavras como “faz tempo”, “um dos dois”.

Dessa forma, pretendemos analisar o comportamento dos processos de palatalização das oclusivas alveolares em Santana do Ipanema diante dessa variável. Sendo assim, temos como hipótese que o contexto de fronteira lexical não favorece o processo de palatalização das oclusivas alveolares.

4.2.6.3 Sonoridade

A sonoridade está relacionada à vibração das pregas vocais que caracteriza os segmentos como [+voz] ou [-voz]. Dessa forma, pretendemos investigar se o vozeamento da consoante oclusiva interfere nos processos de palatalização, se de alguma forma, as consoantes vozeada /d/ ou desvozeada /t/ favorecem ou inibem a realização das variantes palatalizadas.

Trabalhos como o de Mota; Rolemberg (1997), Hora; Henrique (2012) entre outros têm demonstrado que a presença da variante vozeada inibe os processos de palatalização, enquanto este se mostra mais produtivo diante da consoante desvozeada /t/. Sendo assim, nossa hipótese é de que a consoante oclusiva alveolar desvozeada favorece o processo de palatalização, enquanto a consoante vozeada a inibe.

4.2.6.4 Tonicidade

Na análise da tonicidade, por sua vez, buscamos investigar se há alguma relação entre os processos de palatalização e a posição das consoantes oclusivas alveolares em relação à sílaba tônica. Se de alguma maneira, o fato da oclusiva se encontrar na sílaba pretônica, tônica e postônica pode ocasionar alguma interferência, como nas formas linguísticas:

- a) Pretônica - estudar, gestual, entre outras;
- b) Tônica - enfeitar, avistou, gostoso, questão, oitavo, desdém, entre outras;
- c) Postônica - prefeito, agosto, paulista, gosto, muito, presto, visto, doido entre outras.

Essa variável foi investigada por Hora e Henrique (2012), sendo a sílaba tônica o fator mais significativo para a realização da palatalização de /t/ e /d/, ao passo que a posição postônica se mostrou favorecedora desse processo no estudo de Oliveira (2017) realizado em Maceió.

Sendo assim, por se tratar de um estudo geograficamente mais próximo, concordamos

com Oliveira (2017) e assumimos a hipótese que a sílaba postônica favorece o processo de palatalização das oclusivas alveolares em Santana do Ipanema.

4.2.6.5 Tamanho da palavra

No que diz respeito ao tamanho da palavra, buscamos investigar se a quantidade de sílabas pode interferir nos processos de palatalização das oclusivas alveolares, favorecendo ou inibindo tais processos.

- a) Uma sílaba: **do, tá**, entre outras;
- b) Duas sílabas: **muito, gesto, visto, doido**, entre outras;
- c) Três sílabas: **direito, estudar, gestual, prefeito**, entre outras;
- d) Quatro sílabas ou mais: **estudando, endireitou**, entre outras.

Em Oliveira (2017), o tamanho da palavra interfere no processo de palatalização, em contexto progressivo, com a aproximante [j], no sentido que quanto maior a palavra, maior a possibilidade de haver palatalização. No entanto, no contexto da fricativa /S/ o tamanho da palavra não exerceu influência sobre o mesmo processo. Após uma análise oitiva na região estudada, assumimos a hipótese de que o tamanho da palavra não influencia o processo de palatalização das oclusivas alveolares em Santana do Ipanema.

4.2.7 Variáveis extralinguísticas

De acordo com o modelo variacionista de Labov (1972), consideramos que os elementos geográficos, socioeconômicos e socioculturais são tão importantes quanto os fatores linguísticos no que diz respeito à influência na produção de determinadas variantes na fala dos colaboradores. Sendo assim, os estudos em sociolinguística variacionista buscam investigar de que maneira os processos de variação linguística estão atrelados aos aspectos sociais e até que ponto tais aspectos sociais podem interferir no uso linguístico de determinada comunidade de fala.

Desse modo, as variáveis extralinguísticas ou sociais são fatores externos ao sistema linguístico que podem influenciar de maneira mais acentuada ou não a aplicação das variantes.

Tendo em vista a influência dos fatores sociais em detrimento da variação linguística, comprovada em inúmeras pesquisas sociolinguísticas variacionistas, elencamos os grupos de fatores sociais básicos como idade e gênero, no intuito de descrever como se comporta cada

fator descrito sobre o processo de palatalização das oclusivas alveolares.

4.2.7.1 Sexo

Os estudos sociolinguísticos que têm analisado a variável sexo têm encontrado diferentes comportamentos linguísticos na comparação das falas dos homens e das falas das mulheres. Um dos aspectos mais relevantes, na maioria dos casos, é o fato de as mulheres procurarem usar, com mais frequência, às formas linguísticas de maior prestígio social, enquanto os homens demonstram um maior uso da variante inovadora ou não se importam com a noção de prestígio dada às variantes em questão.

Sendo assim, a variável sexo tem sido usada nas pesquisas sociolinguísticas como uma forma de apontar a valoração social das variáveis linguísticas investigadas, já que a tendência de crescimento de uso de uma variante é relacionada à escolha das mulheres por esta ou de ameaça de desuso se for maior usada por homens.

Conforme Mota; Rolemberg (1997), Henrique; Hora (2012), Souza Neto (2014) e Oliveira (2017), o grupo de fator sexo foi selecionado como significativo estatisticamente. No que diz respeito à palatalização das oclusivas alveolares em contexto progressivo, pesquisas como a de Henrique; Hora (2012), Souza Neto (2014) e Oliveira (2017) apontam para um maior uso da variante palatalizada pelos colaboradores do sexo masculino, enquanto as mulheres evitam o uso desta variante.

Sendo assim, é esperado que o processo de palatalização das oclusivas alveolares realizado em Santana do Ipanema também revele significância estatística no que diz respeito a variável dependente e o sexo dos colaboradores. Nesse sentido, nossa hipótese é que a palatalização progressiva seja mais produtiva por falantes do sexo masculino.

4.2.7.2 Faixa etária

Nos estudos sociolinguísticos, o grupo de fatores Faixa Etária é significativo para apontar a tendência de variação ou mudança linguística dos fenômenos variáveis. Quanto à variável idade, investigamos a estratificação da faixa etária como variável contínua, considerando colaboradores com idades entre 22 - 49 anos e colaboradores com 50 anos de idade ou mais, a fim de demonstrar o comportamento da variável dependente em tempo real, observando como ela se comporta nas duas faixas etárias analisadas.

A variável idade tem demonstrado ser significativa em vários trabalhos sobre a

palatalização das oclusivas alveolares, condicionando a realização de variantes palatalizadas com a idade do colaborador. No que diz respeito à palatalização progressiva, pesquisas como a de Henrique; Hora (2012), Souza Neto (2014), Oliveira (2017) e Souza Neto (2020) têm demonstrado que os colaboradores mais velhos apresentam uma preferência pelas formas palatalizadas.

Dessa forma, nossa hipótese é que a palatalização das oclusivas alveolares em Santana do Ipanema também esteja relacionada à idade do colaborador, acreditamos que quanto maior a idade do informante, maior a possibilidade de uso da variante palatalizada.

4.2.7.3 Estilo

A variação estilística nas pesquisas sociolinguísticas refere-se ao grau de formalidade utilizado pelo colaborador no momento da coleta de dados. Para esta pesquisa os instrumentos utilizados para tal coleta foram: i) lista de enunciados; ii) Texto curto para leitura e iii) entrevista semiestruturada. Tomamos os primeiros instrumentos supracitados como estilo direcionado, enquanto o último condizente a um estilo livre, visto que o colaborador tende a não se preocupar com a monitoração da fala quando está numa situação de conversa sem tópico específico.

De acordo com os mais variados estudos sociolinguísticos, é na fala espontânea em que a variação submerge. Sendo assim, nossa hipótese para a variável estilística é a de que o estilo livre favorece a palatalização das oclusivas alveolares.

4.3 O PROGRAMA GOLDVARB X

Em relação ao instrumento de análise dos dados, optamos pelo programa computacional Goldvarb X, que oferece tratamento estatístico aos dados linguísticos variáveis analisados sob a perspectiva da Teoria da Variação.

A principal ferramenta quantitativa usada nos últimos 40 anos é o programa de regra variável (VARBRUL), em suas diversas versões. A última versão do VARBRUL para o ambiente Windows se denomina GOLDVARB X. De acordo com Guy (2007, p. 19) “toda pesquisa dialetal, seja ela geográfica ou social, é inerentemente quantitativa”. Nesse sentido, faz-se necessário o uso de ferramentas que calculam o número de ocorrência dos fatores de cada variável, sua respectiva percentagem e seus pesos relativos. Para tanto, utilizamos o programa Goldvarb X.

De acordo com Scherre (2012, p. 4-5) o GOLDVARB X tem funcionamento simples, sem limites conhecidos de fatores em cada variável independente e sem limites de células (conjunto de contextos idênticos codificados), no entanto, não possui ainda um módulo de análise de três, quatro ou cinco variantes (análise multinomial) em termos de pesos relativos. Assim, o GOLDVARB X só efetua a análise de pesos relativos de duas variantes (binominal), em um nível (*onelevel*) ou em múltiplos níveis (*upanddown*), mas calcula as frequências absolutas e relativas brutas de até nove variantes na variável dependente.

Os dados selecionados foram submetidos ao programa Goldvarb X, o qual realizou a contagem dos dados, contabilizando 1462 dados, seguido da verificação da sequência de codificação e a quantidade de fatores para análise, contabilizando 8 fatores além da variável dependente. Em seguida foi realizada uma rodada a fim de verificar a existência de *Knockouts* “fator que num dado momento da análise, corresponde a uma frequência de 0% ou 100% para um dos valores da variável dependente” (Guy;Zilles, 2007, p. 158). Resolvidos os *Knockouts*, foi realizada uma rodada final para obter os percentuais e os pesos relativos referentes aos dados obtidos para a pesquisa.

Observamos um comportamento diferente no que diz respeito à aproximante [j] e a fricativa /S/, assim como apontado no estudo de Oliveira (2017). Por esse motivo, fizemos rodadas separadas e seguiremos as análises de cada contexto separadamente.

5 ANÁLISE DAS VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E SOCIAIS: DESCRIÇÃO E DISCUSSÃO

Neste capítulo, apresentaremos os resultados obtidos no que diz respeito às variáveis linguísticas e sociais, bem como faremos a descrição e discussão dos dados analisados. Além disso, discutiremos os resultados obtidos a partir da comparação dos índices estatísticos de nossa investigação com os de trabalhos anteriores (OLIVEIRA, 2017; SANTOS, 1996), em Maceió, capital alagoana, indicando os fatores de natureza linguística e social que mais favoreceram a produtividade da palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/, no município de Santana do Ipanema, bem como aqueles que menos condicionam a produtividade de tal processo, a fim de demonstrar as semelhanças e diferenças entre a produção da capital e do interior de Alagoas.

Organizamos a apresentação e a discussão dos resultados estatísticos em duas partes: inicialmente, mostramos a frequência global das formas alternativas da variável dependente; em seguida, apresentamos os grupos de fatores linguísticos e sociais selecionados pelo programa Goldvarb X com suas respectivas análises.

5.1 FREQUÊNCIA GLOBAL

A Sociolinguística Variacionista de Labov (2008) é também conhecida como sociolinguística quantitativa dado o fato que se utiliza de modelos estatísticos, no intuito de correlacionar as variáveis linguísticas (internas) à fatores sociais (externos), geralmente condicionantes das realizações linguísticas, como sexo, idade, escolaridade, etc.

Com esta finalidade foram coletados, sob uma orientação metodológica já descrita no capítulo 3, 1462 (um mil, quatrocentos e sessenta e dois) dados de fala espontânea em ambiente fonológico de realização das oclusivas alveolares /t/ e /d/, antecidas pela fricativa alveopalatal /S/ e por ditongos em [j] em situações de fronteira e não fronteira lexical, obtendo realizações linguísticas como as visíveis na tabela 01 a seguir.

Tabela 1 - Contextos palatalizáveis investigados em Santana do Ipanema

Sequência linguística	Transcrição fonética	Colaborador
Por oito anos	[pur. 'ojtʃu] [ãnus]	2M2
Eu não gosto	[eu] [nãu] ['gɔʃtʃu]	4F2
Foi muíto bom	[foj] ['mujtʃu.bõ]	1F1
Presto	['prɛʃtʃu]	1M1
As duas coisas	[aʃ.duas] ['kojzas]	2F2
Mais tecnológico	[maif. 'tɛknolɔʒi.ku]	5M1

Autor (2022)

Como podemos observar nos exemplos acima, não foram encontradas, na fala dos colaboradores desta pesquisa, palavras com a variante palatalizada em situação de fronteira lexical, nem em ambiente com a aproximante [j] no mesmo contexto.

Na tabela abaixo, demonstramos o quadro geral de palatalização das oclusivas alveolares produzidas em contexto fonológico progressivo em Santana do Ipanema.

Tabela 2 - Palatalização progressiva em Santana do Ipanema

Variável	Realizações	Percentual
Contexto anterior	1462/217	14,8%

Autor (2022)

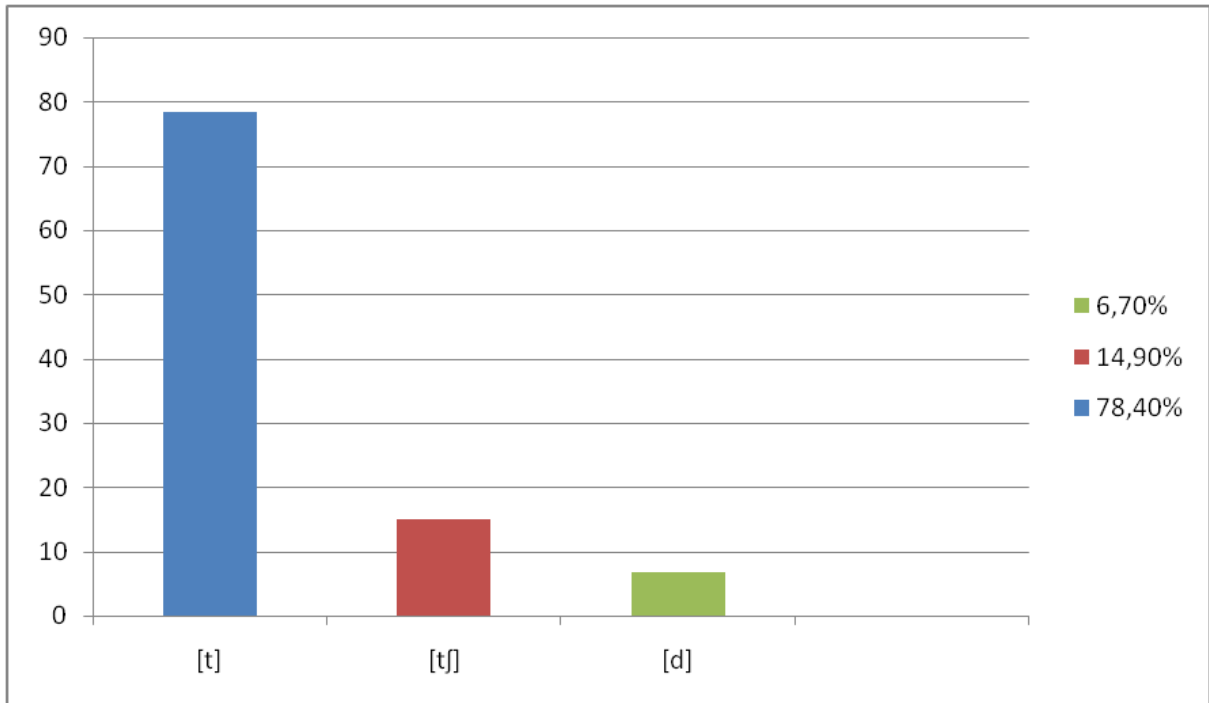
A palatalização progressiva em Santana do Ipanema apresentou uma produtividade significativa, pois das 1462 ocorrências neste contexto, 217 foram realizações palatalizadas, alcançando um percentual de uso de 14,8%.

Deste modo, adotamos ao longo deste trabalho o tratamento exclusivo da palatalização das oclusivas alveolares em contexto progressivo, em que o gatilho do processo se encontra em posição anterior às consoantes oclusivas /t/ e /d/.

No que diz respeito à frequência de uso das oclusivas alveolares vozeadas e

desvozeadas e das africadas alveolopalatais vozeadas e desvozeadas em Santana do Ipanema, apresentamos o gráfico a seguir.

Gráfico 01 - Frequência global de uso das oclusivas e africadas.



Autor (2022)

O gráfico acima tem a finalidade de demonstrar o percentual de uso das oclusivas alveolares /t/ e /d/ e suas respectivas variantes palatalizadas. A partir do gráfico 01 podemos observar que a variante oclusiva [t] predominou na fala dos colaboradores, com um total de 78,4% enquanto a sua variante palatalizada [tʃ] obteve o percentual de 14,9 % das produções. A oclusiva alveolar [d], no entanto, esteve pouco presente nos dados coletados, sob um percentual de 6,7% das produções e nenhum uso da sua variante palatalizada.

Vale ressaltar que a comparação entre o uso da oclusiva alveolar vozeada e sua respectiva variante palatalizada apresentou um resultado categórico, no qual a africada alveopalatal vozeada [dʒ] não obteve nenhuma realização na fala dos colaboradores, enquanto a oclusiva alveolar vozeada [d] obteve o percentual de 100% das produções. Por esse motivo, excluimos das rodadas seguintes os dados referentes a estas variantes e assumimos a partir desse ponto apenas a análise da oclusiva alveolar desvozeada [t] e sua respectiva variante palatalizada.

Nesse sentido, nosso trabalho se assemelha com a pesquisa realizada em Maceió por Santos (1996) que obteve também um resultado categórico no que diz respeito à oclusiva alveolar vozeada e sua variante palatalizada, ou seja, não foram encontradas realizações da

variante palatalizada, ao passo que seguiu sua pesquisa analisando apenas a variação da oclusiva alveolar desvozeada /t/.

Em contraposição, o trabalho de Oliveira (2017), realizado de igual forma na cidade de Maceió, encontrou produtividade, ainda que singela, quanto à realização da variante palatalizada desvozeada apresentando um percentual de 5,1%. Entretanto, o autor conclui que “o vozeamento da consoante inibe o processo de palatalização” (OLIVEIRA, 2017, p. 225).

Em estudo recente sobre o processo de palatalização em contexto fonológico progressivo, Oliveira;Oliveira (2021) apontam para uma maior probabilidade de ocorrência da palatalização quando a consoante é /t/ sob o percentual de 23,3% e o peso relativo de 0.63, no entanto, quando a oclusiva é /d/ a probabilidade de palatalização cai para 4,2% e um peso relativo de 0.37. Segundo os autores, o favorecimento de /t/ no processo de palatalização pode estar associado à ausência de vibração das pregas vocais, o que faz com que tal consoante seja articulada com menor energia.

Dessa forma, os resultados obtidos nesta pesquisa estão de acordo com outros trabalhos que demonstram o favorecimento de /t/ no processo (MOTA; ROLEMBERG, 1997; SANTOS, 1996; HENRIQUE; HORA, 2012; SOUZA NETO, 2014; OLIVEIRA, A. A., 2017; OLIVEIRA, OLIVEIRA, 2021).

Vale destaque que dada à época da pesquisa, Santos (1996) provavelmente não usou um programa computacional para rodar os dados, trabalhando apenas com percentuais e análises oitivas de seus dados, já o trabalho de Oliveira (2017), obteve dados de pesos relativos através do uso do programa computacional R, deixando seus resultados mais sistemáticos.

No que diz respeito aos valores referentes aos pesos relativos e aos percentuais obtidos, Guy e Zilles (2007) enfatizam:

Deve-se lembrar que os percentuais nos dão as frequências de ocorrência das variantes nos contextos examinados, e que resultam de um cálculo univariado (não levam em conta, simultaneamente, a distribuição dos dados em relação a outros grupos de fatores) [...] ao passo que os pesos calculam os efeitos dos fatores de cada grupo em relação ao nível geral de ocorrência das variantes e resultam de uma análise multivariada. (GUY; ZILLES, 2007, p. 211)

O peso relativo, importante índice estatístico, utilizado principalmente em pesquisas sociolinguísticas, resulta de alguns cálculos realizados a partir do valor de chance, ou seja, a quantidade de chances de uma forma se realizar em detrimento da outra. Dessa forma, é esperado que os valores dos pesos relativos confirmem a indicação da probabilidade.

Segundo o estudo de Oliveira (2017) os processos de palatalização das oclusivas alveolares se comportam de maneira diferente dependendo do fonema que ocupa o contexto

anterior à oclusiva. Sendo assim, o autor optou por seguir com as análises separadamente. Nesse sentido, observamos, de igual modo, que as palavras que continham a aproximante [j] e as palavras que continham a fricativa /S/ apresentaram comportamentos distintos no que se refere ao processo de palatalização das oclusivas alveolares. Portanto, seguiremos as análises em cada contexto de forma separada.

Primeiramente, faremos uma análise do processo de palatalização das oclusivas alveolares quanto antecederem de /S/ e em seguida, analisaremos as oclusivas alveolares quanto antecederem pela semivogal [j].

5.2 ANÁLISE DOS DADOS COM A FRICATIVA /S/ EM CONTEXTO ANTERIOR ÀS OCLUSIVAS

A análise dos dados com a fricativa /S/ em contexto anterior às consoantes oclusivas alveolares /t/ e /d/ - ambiente de palatalização progressiva - realizou-se com 734 ocorrências e será investigado quanto às variáveis linguísticas: tonicidade, tamanho, sonoridade e fronteira e quanto às variáveis sociais: idade, estilo e sexo.

Ao analisar, de modo geral, as palavras com este contexto, notamos que elas apresentaram, em sua maioria, a palatalização da fricativa /S/ em palavras como: ['gɔʃtu] e ['fɛʃtɐ]. Sendo assim, observamos dois tipos de realização: palatalização dupla, como por exemplo: ['viʃtʃɐ] e [a'gɔʃtʃu], ou seja, o fenômeno da palatalização recai sobre a fricativa e sobre a oclusiva, ou a palatalização de um só segmento na palavra, em que a aplicação da regra de palatalização sempre recai sobre a fricativa como nos casos: [eʃ'tudo] e [kuʃtu'rejɾɐ].

De acordo com o estudo de Oliveira (2017) quando se tem a fricativa/S/ em contexto fonológico progressivo, o índice médio da probabilidade da realização da palatalização das oclusivas é de 0.17, no entanto, quando se tem a aproximante [j], geralmente em formação de ditongo, essa probabilidade cai para 0.13.

Sendo assim, ao comparar os valores percentuais apresentados por Oliveira (2017) observamos uma queda nas produções palatalizadas com a fricativa /S/ em contexto fonológico anterior, pois das 734 ocorrências registradas, obtivemos 76 realizações palatalizadas, resultando em um percentual de 10,4%, valor bastante inferior aos 19,1% obtidos na pesquisa de Oliveira (2017).

Vale ressaltar que o autor compara seus resultados com as pesquisas feitas por Mota e Rolemberg (1997) que obteve 2,4% neste mesmo contexto amostral, e com Henrique e Hora (2012) que obteve o percentual de 10,5% das realizações palatalizadas. Dessa forma, nossos

valores se aproximam mais dos percentuais obtidos na pesquisa de Henrique e Hora (2012) realizada em João Pessoa, Paraíba.

5.2.1 Variáveis sociais

Nesta seção, efetuaremos a análise das variáveis sociais, a fim de descrever de que forma estas variáveis interferem no processo de palatalização das oclusivas alveolares em um ambiente em que a fricativa /S/ se encontra em posição anterior às oclusivas alveolares. Privilegiamos a discussão dos resultados na apresentação que segue.

5.2.1.1 Faixa etária

A variável faixa etária foi selecionada pelo programa Goldvarb X como significativa estatisticamente para a palatalização das oclusivas alveolares, o qual apresentou muita influência no que diz respeito à palatalização das oclusivas alveolares em Santana do Ipanema, Alagoas.

Nossa hipótese inicial de que quanto maior a idade do colaborador, maior será o favorecimento no processo de palatalização das oclusivas alveolares em Santana do Ipanema, Alagoas, foi confirmada.

Na tabela 3, apresentamos os índices estatísticos referentes à variável faixa etária registrados nas ocorrências.

Tabela 3 - Palatalização das oclusivas alveolares e a variável faixa etária em palavras com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas.

Faixa etária	Aplic. / Total	%	Peso Relativo
1ª (22-48 anos)	23/398	5,8	0.369
2ª (52 anos ou mais)	53/363	15,8	0.654
Total	76/734	10,4	

Input: 0.061; Significância: 0.029

Log. Likelihood: -198.812

Fonte: Autor (2022)

Os valores da tabela 3 confirmam uma maior produtividade da segunda faixa etária analisada (52 anos ou mais) no processo de palatalização da oclusiva alveolar /t/, pois das 363 ocorrências, obtivemos 53 realizações palatalizadas, apresentando um percentual de 15,8% de aplicação da regra de palatalização. Em contraposição, os valores referentes à primeira faixa etária analisada (22-48 anos) são menos significativos, uma vez que das 398 ocorrências registradas, obtivemos 23 realizações palatalizadas, alcançando um percentual de 5,8%.

Analisando os valores referentes aos pesos relativos obtidos nesta variável, observamos um favorecimento aparente da 2ª faixa etária no que diz respeito à palatalização das oclusivas alveolares sob o índice de 0.654. Quanto à 1ª faixa etária, obtivemos o índice de 0.369. Sendo assim, podemos afirmar que as pessoas com mais de 52 anos são favorecedoras do processo de palatalização, enquanto as pessoas entre 22 e 48 anos são inibidoras deste processo na região estudada.

É interessante destacar que durante as entrevistas realizadas, observamos um julgamento mais acentuado, no que diz respeito à variação linguística, pelos colaboradores da primeira faixa etária analisada, motivo pelo qual pode-se inferir que estes produziram menos variantes palatalizadas por demonstrarem aversão a esta forma linguística. Enquanto, os colaboradores da segunda faixa pareciam não se importar com a estigmatização vinculada a este tipo de produção. No entanto, não foram feitos testes de percepção, ao passo que as afirmações registradas aqui se referem às atitudes linguísticas dos colaboradores durante a coleta de dados.

No que diz respeito à variável faixa etária, nosso trabalho se assemelha aos resultados obtidos em Oliveira (2017) visto que o autor detectou que o público mais velho é favorecedor da palatalização das oclusivas enquanto o público mais jovem - inibe o processo. A partir do cruzamento entre sexo e escolaridade, destacamos aqui os valores referentes ao Ensino Superior por se tratar do mesmo nível escolar analisado nesta pesquisa, Oliveira (2017) observa que os homens que cursaram o nível superior favorecem o processo de palatalização apresentando um índice probabilístico de 0.17 enquanto as mulheres deste mesmo nível de escolaridade inibem este processo sob o índice probabilístico de 0.7.

O autor aponta que isto indica que a escolaridade interfere no processo de palatalização das oclusivas alveolares em Maceió, no sentido de que quanto maior a escolarização do colaborador, menor sua produção da variante palatalizada, sugerindo que a escolarização atribui uma valoração negativa das variantes palatalizadas em Maceió.

De modo geral, no que diz respeito às duas faixas etárias, observamos que a 2ª faixa

etária, ou seja, os colaboradores mais velhos produziram mais variantes palatalizadas, corroborando com os resultados obtidos em Oliveira (2017) de que quanto maior a idade do falante, menor é o efeito da escolarização na sua produção de fala, enquanto o público mais jovem tende a evitar este tipo de produção.

Dessa forma, confirmamos nossa hipótese inicial de que o público mais velho é favorecedor do processo de palatalização em Santana do Ipanema.

5.2.1.2 Estilo

A variável estilo foi selecionada pelo programa Goldvarb X como significativa estatisticamente para a palatalização das oclusivas alveolares, no entanto, apresentou menor relevância no que diz respeito ao processo em Santana do Ipanema, que as demais variáveis sociais analisadas.

Nossa hipótese inicial de que o estilo livre favorece o processo de palatalização das oclusivas alveolares em Santana do Ipanema, Alagoas, não foi confirmada.

Analizamos os instrumentos de coleta separadamente, pois acreditamos que o nível de monitoramento da fala do colaborador é significativo no que diz respeito à palatalização das oclusivas alveolares.

Na tabela 4, apresentamos os índices estatísticos referentes à variável estilo.

Tabela 4 - Palatalização das oclusivas alveolares e a variável estilo com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas.

Fatores	Aplic. / Total	%	Peso Relativo
Enunciados	15/125	12,0	0.552
Texto	36/201	17,9	0.678
Entrevista	25/408	6,1	0.394
Total	76/734	10,4	

Input: 0.061; Significância: 0.029

Log. Likelihood: -198.812

Fonte: Autor (2022)

Os valores da tabela 4 apontam para uma maior produção da variante palatalizada na

leitura do texto, considerado por nós como intermediário, no que se refere ao monitoramento da fala do colaborador, uma vez que das 201 ocorrências, 36 foram produções palatalizadas, sob um percentual de 17,9%. Em relação à leitura de enunciados, tomados por nós como o estilo mais monitorado, houve uma leve diminuição de palatalização, pois das 125 ocorrências registradas, 15 foram realizações palatalizadas, alcançando um percentual de produção de 12%.

Quanto à entrevista, considerada por nós como o estilo mais livre de monitoramento, observamos uma diminuição significativa do fenômeno estudado, uma vez que das 408 ocorrências em ambiente propício para a palatalização progressiva, apenas 25 apresentam aplicação da regra de palatalização, sob um percentual de 6,1%, o que nos leva a pensar que a palatalização das oclusivas alveolares em Santana do Ipanema, esteja em processo de diminuição no uso livre e que em momentos mais direcionados esse uso que já foi mais recorrente, seja resgatado.

É importante destacar que os colaboradores foram solicitados a fazer uma leitura prévia dos objetos de coletas, a saber, uma lista de enunciados e um texto curto. No entanto, a grande maioria preferiu fazer a leitura espontaneamente, ou seja, sem conhecimento prévio do conteúdo, fazendo com que a leitura fosse menos monitorada e houvesse acréscimos de palavras não existentes no texto e nos enunciados. Dessa forma, acreditamos que houve uma diminuição no monitoramento da fala dos colaboradores durante a coleta de dados.

Apesar de não ser um interesse inicial da pesquisa, observamos que a maioria dos colaboradores é formada por professores da Educação Básica. Dessa forma, acreditamos que seu discurso tende a ser mais formal devido à sua profissão. Dentre os 20 colaboradores entrevistados, apenas 1 possui o título de doutor, 1 possui o título de mestre, 13 possuem especialização e 5 possuem apenas a graduação, destes últimos, 2 colaboradores não trabalham na educação.

Sendo assim, os estilos mais direcionados (lista de enunciados e texto) podem estar relacionados com a vivência diária dos colaboradores, visto que passam a maior parte do dia utilizando este tipo de discurso, o que poderia ser tomado como seu uso habitual.

No que diz respeito aos pesos relativos obtidos, observamos que a leitura do texto se mostrou favorecedora do processo, sob um índice de 0.678. A lista de enunciados, por sua vez, também favorece o processo, sob um peso relativo de 0.552. Em contraposição, a entrevista, estilo mais livre, apresentou o índice de 0.394, confirmando seu desfavorecimento na aplicação da regra de palatalização.

O fato de os estilos mais direcionados estarem em evidência na aplicação da regra de

palatalização das oclusivas alveolares nos leva a pensar que a emergência de uso nesse contexto advém de um possível uso frequente, ou seja, que poderia ser o padrão da comunidade de fala, mas foi perdendo força ao longo do tempo, fazendo com que esteja evidente apenas em estilos mais elaborados como forma de retomada desse uso linguístico.

Dessa forma, concluímos que os estilos mais direcionados, a saber: lista de enunciados e texto, são mais produtivos e favorecedores no processo de palatalização em Santana do Ipanema.

5.2.1.3 Sexo

Na ordem de relevância estabelecida pelo programa Goldvarb X, o grupo de fator referente ao sexo dos colaboradores foi eliminado, visto que não houve uma boa margem de valores que justifiquem o favorecimento de um dos sexos em questão. Dessa forma, nossa hipótese inicial de que o sexo masculino favorece a aplicação da regra de palatalização das oclusivas alveolares não foi confirmada.

Os valores apresentados na tabela 8 demonstram que a variável sexo não exerce, de modo geral, grande influência no processo de palatalização das oclusivas alveolares em Santana do Ipanema, uma vez que ambos os sexos se comportam de forma semelhante quanto ao processo de palatalização.

Vejamos a seguir, os percentuais obtidos para a variável sexo, como forma de ilustrar as ocorrências coletadas.

Tabela 5 - Palatalização das oclusivas alveolares e a variável sexo com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas.

Fatores	Realizações	Percentual
Feminino	35/364	9,6%
Masculino	41/370	11,1%
Total	76/734	

Autor (2022)

Apesar de o sexo masculino apresentar maior número de realizações palatalizadas, a saber, 41 dentre as 370 ocorrências registradas, alcançando um percentual de 11,1%, não é possível afirmar que o sexo masculino seja mais produtivo no que se refere ao processo. No que diz respeito ao sexo feminino, a aplicação da regra de palatalização se deu em 35 produções dentre as 364 ocorrências registradas, totalizando um percentual de 9,6%, o que não se distancia muito do valor obtido pelo sexo masculino. Dessa forma, não podemos afirmar com base nos percentuais obtidos que um ou outro sexo seja mais produtivo em relação ao processo de palatalização das oclusivas alveolares.

Vale ressaltar que a variável sexo foi eliminada, pois seus índices não foram distantes o suficiente para indicar um favorecimento estável por parte de um dos sexos analisados. Esse resultado contradiz outras pesquisas realizadas sobre a palatalização progressiva das oclusivas alveolares, que têm revelado uma maior utilização das formas palatalizadas pelos membros masculinos (HENRIQUE; HORA, 2012; SOUZA NETO, 2014; OLIVEIRA, A.A., 2017; OLIVEIRA; OLIVEIRA; PAULA, 2018). No entanto, se assemelha aos resultados obtidos em Oliveira; Oliveira (2021) no qual a variável sexo também não mostrou significância estatística, sendo eliminado das rodadas pelo programa R.

É interessante destacar que o índice de significância estatística, ou seja, um modo de estimar a probabilidade de se obter determinada distribuição dos dados pressupondo certas características quanto à natureza da fonte de onde foram extraídos (Cf. Guy; Zilles, 2007, p. 85), obteve um número diferente do esperado, sugerindo que as rodadas em que o sexo do colaborador foi analisado, não são significantes estatisticamente.

Sobre os resultados sem significância estatística Guy e Zilles (2007) esclarecem:

[...] devemos lembrar que os grupos de fatores são incluídos na análise para testar hipóteses ligadas a uma teoria; por isso, é fundamental apresentar os resultados, seja com, seja sem significância. Um resultado com significância representaria uma evidência a favor da hipótese e da respectiva teoria; um resultado sem significância poderia servir como evidência para refutar a hipótese ou, então, refiná-la, contribuindo para a construção de uma teoria mais adequada. (GUY; ZILLES, 2007, p. 216)

Dado o fato de que a variável sexo não influencia diretamente o processo de palatalização das oclusivas alveolares, nossa hipótese inicial de que o sexo masculino favorece tal processo não foi corroborada.

Em contraposição, o estudo de Oliveira (2017) demonstra um favorecimento no processo de palatalização das oclusivas alveolares por parte do sexo masculino. No que diz respeito ao modelo com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas, o autor faz o teste de relevância estatística da interação entre sexo e escolaridade, a qual trazemos aqui apenas os

resultados obtidos no nível superior, por se aproximar do nosso objeto de estudo.

Sendo assim, neste modelo o autor conclui que a escolaridade interfere no processo de palatalização, mas age de forma distinta quanto ao sexo do colaborador, uma vez que os homens favorecem a palatalização progressiva com um valor probabilístico de 0.17 para aplicação da regra de palatalização, enquanto as mulheres deste mesmo nível de escolaridade aparecem como inibidoras do processo sob o índice de probabilidade de 0.7 para aplicação da regra de palatalização em Maceió.

É interessante destacar que o fato de os programas utilizados nesta pesquisa e no estudo de Oliveira (2017) serem diferentes, a saber: o programa R e o programa Goldvarb X, respectivamente, não nos dá a oportunidade de fazer análises de interação, visto que o programa escolhido por nós, traz algumas limitações quanto a isso. No entanto, o programa que utilizamos, permite fazer uma tabela de contingência, a qual mostra uma distribuição percentual entre duas variáveis por vez. Ao fazermos a tabulação entre gênero e escolaridade, observamos uma diferença muito leve no que diz respeito às produções palatalizadas, a saber, menos de 2 pontos percentuais, o que nos leva a conclusão de que não é possível apontar para uma maior produtividade de um gênero ou outro, mesmo em contraste com a faixa etária.

Contudo, concluímos que, diferentemente de Maceió, em Santana do Ipanema, o gênero do colaborador não interfere de forma incisiva no processo de palatalização das oclusivas alveolares em contexto fonológico progressivo.

5.2.2 *Variáveis linguísticas*

Nesta seção, efetuaremos a análise das variáveis linguísticas, a fim de descrever de que forma estas variáveis interferem no processo de palatalização das oclusivas alveolares em Santana do Ipanema, Alagoas. Privilegiamos a discussão dos resultados na apresentação que segue.

5.2.2.1 Tonicidade

A variável tonicidade foi o primeiro grupo de fatores, no contexto analisado, a ser selecionado pelo programa Goldvarb X como significativa estatisticamente para a palatalização das oclusivas alveolares, ou seja, foi o grupo de fatores que apresentou maior influência no processo de palatalização das oclusivas alveolares nas palavras em que a fricativa /S/ estava em posição anterior às oclusivas.

Nossa hipótese inicial de que a posição postônica é favorecedora do processo de palatalização das oclusivas alveolares em Santana do Ipanema, Alagoas, foi confirmada.

Na tabela 6, apresentamos os índices estatísticos referentes à tonicidade das sílabas.

Tabela 6 - Palatalização das oclusivas alveolares e a variável tonicidade em palavras com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas.

Fatores	Aplic. / Total	%	Peso Relativo
Pretônica	1/58	1,7	0.332
Tônica	18/395	4,6	0.309
Postônica	57/281	20,3	0.782
Total	76/734	10,4	

Input: 0.061; Significância: 0.029

Log. Likelihood: -198.812

Fonte: Autor (2022)

Os valores da tabela 6 confirmam uma maior produtividade da posição postônica no processo de palatalização da oclusiva alveolar /t/, uma vez que das 281 ocorrências, obtivemos 57 realizações palatalizadas, apresentando um percentual de 20,3% de aplicação da regra de palatalização. Os valores referentes à posição tônica são menos significativos, uma vez que das 395 ocorrências registradas, obtivemos 18 realizações palatalizadas, alcançando um percentual de 4,6%. A posição pretônica, por fim, se apresenta como a menos produtiva entre os fatores, visto que das 58 ocorrências obteve apenas 1 produção palatalizada, com o percentual de 1,7% das realizações palatalizadas.

Sendo assim, a partir dos valores referentes aos pesos relativos obtidos para esse grupo de fatores observamos que a posição postônica se mostrou favorecedora do processo de palatalização alcançando um índice bastante significativo de 0.782, enquanto a posição tônica e pretônica apresentaram valores abaixo do ponto neutro, sob os índices de 0.309 e 0.332, respectivamente, confirmando seu desfavorecimento no processo de palatalização das oclusivas alveolares.

Contrastando os resultados obtidos para esse fator com os dados apresentados no estudo de Oliveira (2017) observamos uma consonância no que diz respeito à posição postônica como favorecedor do processo de palatalização. Em um modelo que analisa a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas, o autor supracitado aponta para a posição

postônica como favorecedora do processo, uma vez que das 563 ocorrências obteve 509 realizações palatalizadas, apresentando um percentual bastante elevado de 37,1% e um peso relativo de 0.61, demonstrando seu favorecimento na aplicação da regra de palatalização. No que diz respeito à posição tônica, a referida pesquisa obteve um percentual de 14,3% com o valor de peso relativo de 0.43.

Sendo assim, o autor toma a posição tônica como inibidora do processo de palatalização em Maceió, corroborando com os resultados obtidos em Santana do Ipanema. Por fim, a posição pretônica, alcançou um percentual de realizações palatalizadas de 17,3% e um peso relativo de 0.46, demonstrando sua não interferência no processo de palatalização em Maceió, o que difere dos resultados obtidos neste estudo, visto que esta posição de acento na sílaba se mostrou inibidora do processo de palatalização em Santana do Ipanema.

Deste modo, confirmamos nossa hipótese inicial de que a posição postônica em contexto fonológico progressivo é favorecedora do processo de palatalização em Santana do Ipanema.

5.2.2.2 Tamanho da palavra

A variável tamanho da palavra foi o quarto grupo de fatores a ser selecionado pelo programa Goldvarb X como significativo estatisticamente para a palatalização das oclusivas alveolares, ou seja, foi considerado o grupo de fatores que menos exerce influência no processo de palatalização das oclusivas alveolares em palavras com a fricativa /S/.

Nossa hipótese inicial de que o tamanho da palavra não influencia o processo de palatalização das oclusivas alveolares em Santana do Ipanema, Alagoas, não foi confirmada. Na tabela 7, apresentamos os índices estatísticos referentes ao tamanho das palavras registradas nas ocorrências.

Tabela 7 - Palatalização das oclusivas alveolares e a variável tamanho da palavra com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas. (continua)

Fatores	Aplic. / Total	%	Peso Relativo
Dissílaba	39/328	11,9	0.423
Trissílaba	37/343	10,8	0.574

Total	73/734	10,4	
--------------	--------	------	--

Input: 0.061; Significância: 0.029

Log. Likelihood: -198.812

Fonte: Autor (2022)

Os valores da tabela 7 confirmam uma maior produtividade das palavras com duas sílabas no processo de palatalização da oclusiva alveolar /t/, pois das 328 ocorrências, obtivemos 39 realizações palatalizadas nas palavras dissílabas, apresentando um percentual de 11,9% de aplicação da regra de palatalização, enquanto as palavras com três sílabas apresentaram 37 realizações palatalizadas dentre as 343 ocorrências nesse contexto, alcançando um percentual de 10,8% das realizações palatalizadas.

É importante destacar que a diferença discreta entre os valores referentes às palavras com duas e três sílabas, representadas na tabela 7, se deu pelo fato de a maior parte das palavras investigadas se encontrarem nessa configuração. No que diz respeito às palavras com apenas uma sílaba e as palavras com quatro sílabas ou mais, nos defrontamos com um resultado categórico em que não ocorreu nenhuma realização palatalizada nesses contextos.

Dessa forma, o grupo de monossílabos obteve apenas 14 ocorrências em ambiente propício para a palatalização progressiva e o grupo de polissílabos obteve somente 49 ocorrências, sendo que em nenhum desses dois grupos de palavras foram encontradas produções palatalizadas, demonstrando uso categórico no processo de palatalização das oclusivas alveolares, nessa configuração de palavras.

Ao analisarmos os valores referentes aos pesos relativos obtidos nesta variável, observamos o favorecimento das palavras com três sílabas no processo de palatalização, sob um peso relativo de 0.574. Em contraposição, às palavras com duas sílabas, apresentaram um peso relativo de 0.423, demonstrando que essa configuração de palavras é inibidora do processo de palatalização das oclusivas alveolares na região em estudo.

Ao compararmos os valores obtidos nesta variável com o trabalho realizado por Oliveira (2017) constatamos que no modelo com a fricativa /S/ o tamanho da palavra não exerceu influência sobre o processo de palatalização das oclusivas alveolares. Nesse viés, nosso estudo difere dos da palatalização progressiva em Maceió no que se refere à variável tamanho da palavra, visto que, diferentemente de Maceió, em Santana do Ipanema, no contexto com a fricativa /S/ em posição anterior às oclusivas alveolares, as palavras com 3 sílabas são favorecedoras do processo e as palavras com 2 sílabas o inibem.

5.2.2.3 Fronteira lexical

A variável fronteira lexical foi eliminada das rodadas no Goldvarb X, pois não apresentou nenhuma ocorrência palatalizada em palavras com fronteira lexical. Sendo assim, a totalidade dos dados de aplicação da regra de palatalização, no contexto de fricativa, se deu apenas em palavras de não fronteira lexical.

No que diz respeito à variável fronteira lexical o programa Goldvarb X não encontrou significância estatística, apresentando um *Knockout* para esse grupo de fatores, interpretamos que isso tenha ocorrido pelo fato de haver poucas ocorrências de palavras em situação de fronteira lexical, portanto, não constitui uma boa comparação amostral.

Dentre as 38 ocorrências de palavras em posição de fronteira lexical, como em “depois **do** susto” (5M1) e “através **do** futebol” (5M2), não foi encontrada nenhuma realização palatalizada, enquanto as palavras em situação de não fronteira lexical, como em [pawliʃ tʃa] (2M2) e [ˈɡʊʃtʃo] (4F2), obtiveram 76 realizações palatalizadas dentre as 696 ocorrências registradas nesse contexto, alcançando o percentual de 10,9% de aplicação da regra de palatalização.

Comparando os resultados obtidos aqui com a pesquisa feita por Oliveira (2017) observamos que de igual modo as palavras que não apresentaram fronteira lexical favorecem o processo de palatalização das oclusivas enquanto o fator fronteira lexical o inibe. Acreditamos que a significância deste fator na pesquisa de Oliveira (2017) se deu pelo fato da extensão de sua amostra. No modelo em que a fricativa /s/ aparece em posição de gatilho, o contexto de não fronteira obteve o percentual de 27,5%, apresentando o peso relativo de 0.66, enquanto o fator fronteira lexical apresentou o percentual de 3,9% com um peso relativo de 0.34, demonstrando assim que este desfavorece o processo de palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ enquanto aquele favorece tal processo. Tais valores corroboram com os resultados obtidos nesta pesquisa.

Dessa forma, confirmamos nossa hipótese inicial de que o contexto de fronteira lexical não favorece o processo de palatalização em Santana do Ipanema.

5.2.2.4 Sonoridade

A variável sonoridade foi eliminada das rodadas no Goldvarb X pelo mesmo motivo do fator fronteira lexical, não houve nenhuma ocorrência palatalizada da variante vozeada. Acreditamos que isto ocorreu por conta do baixo número de ocorrências de palavras que

apresentam a oclusiva alveolar vozeada em contexto fonológico progressivo. Sendo assim, a totalidade de aplicação da regra de palatalização das oclusivas alveolares se deu apenas nas palavras que apresentaram a oclusiva alveolar desvozeada /t/.

A totalidade de palavras que continham a oclusiva alveolar vozeada /d/ foi baixa, a saber, 69 ocorrências, das quais não houve nenhuma produção de sua variante palatalizada. Por outro lado, a ocorrência de palavras que apresentaram a oclusiva alveolar vozeada /t/ foi bastante significativa, a saber, 665 ocorrências, das quais 76 foram produções palatalizadas, alcançando o percentual de 11,4% de aplicação da regra de palatalização. Por esse motivo, seguimos as análises observando apenas o comportamento da oclusiva alveolar /t/ em contexto fonológico progressivo em Santana do Ipanema.

Vale ressaltar que na pesquisa de Santos (1996) realizada em Maceió, aconteceu situação semelhante, em suas mais de 16 mil ocorrências linguísticas registradas, a autora não identificou nenhuma realização palatalizada da consoante vozeada [d] ocasionando o descarte desta variante e direcionando sua pesquisa para a análise somente de oclusiva alveolar desvozeada [t].

Conforme Batistti; Rosa (2012), Oliveira (2017) faz a seguinte ressalva:

É possível que isto aconteça devido às características articulatórias empregadas no processo de palatalização das oclusivas alveolares, uma vez que toda sua energia articulatória é concentrada na região anterior da cavidade bucal, que é o mesmo ponto de realização das consoantes alveolares desvozeadas, ao passo que as consoantes vozeadas acrescem de mais um movimento articulatório, a vibração das pregas vocálicas localizadas na laringe, sendo este um ponto distante da cavidade bucal anterior. (OLIVEIRA, 2017, P. 203)

Ao fazermos um comparativo com os resultados desta pesquisa e os resultados obtidos no estudo de Oliveira (2017) pudemos notar que por mais singela que tenha sido a palatalização da variante vozeada em Maceió, pode-se perceber que a mesma é realizável nesta localidade.

O vozeamento em um modelo com a fricativa /S/ em contexto anterior às oclusivas, o autor supracitado obteve apenas 18 realizações palatalizadas dentre as 789 ocorrências neste contexto, apresentando um percentual de 2,3% de palatalização para a variante vozeada, com o peso relativo de 0.22. Ao passo que a variante desvozeada, neste mesmo contexto, obteve 578 realizações palatalizadas dentre 2334 ocorrências, somando um percentual de 24,8% de produções palatalizadas, com um peso relativo de 0.78, demonstrando o favorecimento da consoante desvozeada no processo de aplicação da regra de palatalização.

De acordo com os apontamentos de Oliveira (2017) tem-se que a consoante

desvozeada é favorecedora do processo de palatalização em Maceió, o que está em consonância com os resultados obtidos nesta pesquisa, uma vez que os percentuais obtidos aqui demonstram a mesma tendência de aplicação da regra de palatalização.

Dessa forma, confirmamos nossa hipótese inicial de que a oclusiva desvozeada favorece o processo de palatalização em Santana do Ipanema, enquanto a sua equivalente vozeada inibe este processo.

5.3 ANÁLISE DOS DADOS COM A SEMIVOGAL [j] EM CONTEXTO ANTERIOR ÀS OCLUSIVAS

A análise dos dados com a semivogal [j] em contexto anterior às consoantes oclusivas alveolares /t/ e /d/ - ambiente de palatalização progressiva - conta com um banco de dados com 728 ocorrências e será investigado quanto às variáveis linguísticas tonicidade, tamanho, sonoridade e fronteira e quanto às variáveis sociais idade, estilo e sexo.

Vejamos na tabela 8, a seguir, a comparação dos valores obtidos nas rodadas que consideraram a fricativa /S/ em contexto anterior à oclusiva e a semivogal [j] neste mesmo contexto.

Tabela 8 - Palatalização das oclusivas alveolares com a fricativa /S/ e a semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas.

Fatores	Realizações	Percentual
Fricativa /S/	76/734	10,4%
Semivogal [j]	141/728	19,4%
Total	217/1462	14,8%

Autor (2022)

Ao compararmos os percentuais referentes à rodada em que a fricativa /S/ aparecia em posição anterior ao gatilho e à rodada em que a semivogal [j] aparecia neste mesmo contexto, observamos uma aplicação da regra de palatalização mais acentuada quando a semivogal [j] está em posição de gatilho, visto que nesse ambiente, o percentual de palatalização foi de

19,4%, enquanto nas palavras em que esse lugar era ocupado pela fricativa /S/ o percentual cai para 10,4%, o que nos leva a conclusão de que a semivogal [j] em posição de gatilho é mais produtiva que a fricativa /S/ nesta mesma posição.

5.3.1 Variáveis sociais

Nesta seção, efetuaremos a análise das variáveis sociais, a fim de descrever de que forma estas variáveis interferem no processo de palatalização das oclusivas alveolares em um ambiente em que a semivogal [j] se encontra em posição anterior às oclusivas alveolares. Privilegiamos a discussão dos resultados na apresentação que segue.

5.3.1.1 Faixa etária

A variável faixa etária foi o primeiro grupo de fatores, no contexto analisado, a ser selecionado pelo programa Goldvarb X como significativo estatisticamente para a palatalização das oclusivas alveolares, ou seja, foi o grupo de fatores que apresentou maior influência no processo de palatalização das oclusivas alveolares nas palavras em que a semivogal [j] estava em posição anterior às oclusivas.

Nossa hipótese inicial de que quanto maior a idade do colaborador, maior será o favorecimento no processo de palatalização das oclusivas alveolares em Santana do Ipanema, Alagoas, foi confirmada.

Na tabela 9, apresentamos os índices estatísticos referentes à variável faixa etária registrados nas ocorrências.

Tabela 9 - Palatalização das oclusivas alveolares e a variável faixa etária em palavras com a semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas.

Faixa etária	Aplic. / Total	%	Peso Relativo
1ª (22-48 anos)	19/369	5,1	0.239
2ª (52 anos ou mais)	122/359	34,0	0.767
Total	141/728	19,4	

Input: 0.121; Significância: 0.003
Log. Likelihood: -282.308

Fonte: Autor (2022)

Os valores da tabela 9 confirmam uma maior produtividade da segunda faixa etária analisada (52 anos ou mais) no processo de palatalização da oclusiva alveolar /t/, pois das 359 ocorrências, obtivemos 122 realizações palatalizadas, apresentando um percentual de 34% de aplicação da regra de palatalização, número bastante elevado em comparação com os resultados obtidos para esta variável quando a fricativa /S/ ocupa a posição anterior às oclusivas alveolares, indicando que no contexto em que a semivogal [j] ocupa esta posição, a produção de variantes palatalizadas sobe em 18,2%.

Em contraposição, os valores referentes à primeira faixa etária analisada (22-48 anos) são menos significativos, uma vez que das 369 ocorrências registradas, obtivemos 19 realizações palatalizadas, alcançando um percentual de 5,1%, apresentando uma queda de 0,7% em comparação com os resultados desta variável quando a fricativa /S/ está em posição anterior às oclusivas. Portanto, podemos afirmar, a partir dos percentuais obtidos, que o contexto em que a fricativa /S/ engatilha o processo é menos produtivo no que diz respeito à palatalização das oclusivas alveolares.

Apesar de haver maior produtividade da variante palatalizada no contexto em que a semivogal [j] ocupa a posição de gatilho do processo de palatalização, acreditamos que neste contexto há uma desvalorização social por parte dos falantes no que se refere à variante palatalizada. Nesse sentido, concordamos com as afirmações de Oliveira e Oliveira (2021, p.10) de que “a palatalização progressiva das oclusivas alveolares precedidas de /j/ sofre pressões sociais negativas e se encontra em crescente resistência nos ambientes educacionais, afetando principalmente os mais jovens”.

Analisando os valores referentes aos pesos relativos obtidos nesta variável, observamos um favorecimento aparente da 2ª faixa etária no que diz respeito à palatalização das oclusivas alveolares sob o índice de 0.767. Quanto à 1ª faixa etária, obtivemos o índice de 0.239. Sendo assim, podemos afirmar que as pessoas com mais de 52 anos são favorecedoras do processo de palatalização, enquanto as pessoas entre 22 e 48 anos são inibidoras deste processo na região estudada.

Contrastando os resultados obtidos nesta variável com a análise feita por Oliveira (2017) no contexto em que a semivogal [j] ocupa a posição de gatilho do processo de palatalização, observamos que há uma influência educacional ligada à idade dos colaboradores, uma vez que a probabilidade de palatalização das oclusivas alveolares em pessoas de nível superior com idade entre 36 e 55 anos chega a 0.3, enquanto com o público de 18 a 35 anos, esse número cai para 0.1. No mesmo viés, a pesquisa de Oliveira e Oliveira

(2021) aponta para uma diminuição do efeito da escolaridade em colaboradores mais velhos. Ambos os resultados das pesquisas supracitadas, corroboram com os índices obtidos neste estudo no que se refere à variável faixa etária.

5.3.1.2 Estilo

A variável estilo foi selecionada pelo programa Goldvarb X como significativa estatisticamente para a palatalização das oclusivas alveolares, no entanto, apresentou pouca relevância no que diz respeito ao processo em Santana do Ipanema, uma vez que ficou na última posição na ordem de relevância.

Na tabela 10, apresentamos os índices estatísticos referentes à variável estilo.

Tabela 10 - Palatalização das oclusivas alveolares e a variável estilo com a semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas.

Fatores	Aplic. / Total	%	Peso Relativo
Enunciados	17/188	9,0	0.346
Texto	43/177	24,3	0.627
Entrevista	81/363	22,3	0.519
Total	141/728	19,4	

Input: 0.121; Significância: 0.003

Log. Likelihood: -282.308

Fonte: Autor (2022)

Os valores da tabela 10 apontam para uma maior produção da variante palatalizada na leitura do texto, considerado por nós como intermediário, no que se refere ao monitoramento da fala do colaborador, uma vez que das 177 ocorrências, 43 foram produções palatalizadas, sob um percentual de 24,3%. Em relação à leitura de enunciados, tomados por nós como o estilo mais monitorado, há uma diminuição significativa de palatalização, pois das 188 ocorrências registradas, 17 foram realizações palatalizadas, alcançando um percentual de produção de 9%.

Quanto à entrevista, considerada por nós como o estilo mais livre de monitoramento, observamos uma diminuição leve do fenômeno estudado, uma vez que das 363 ocorrências

em ambiente propício para a palatalização progressiva, apenas 81 apresentam aplicação da regra de palatalização, sob um percentual de 22,3%, o que nos leva a pensar que, no contexto analisado, há pouca distinção entre o estilo livre (entrevista) e o estilo menos monitorado (leitura de texto), uma vez que apresentou uma diferença de apenas dois pontos percentuais.

Ao compararmos os dois contextos analisados, no que se refere à produtividade, observamos um aumento significativo da palatalização das oclusivas alveolares no estilo livre, quando a semivogal [j] está em posição de gatilho do processo, uma vez que apresentou uma aumento percentual de 16,2% comparado à produção obtida quando a fricativa /S/ ocupa essa posição. Sendo assim, podemos afirmar que a semivogal [j] favorece a produção da variante palatalizada.

No que diz respeito aos pesos relativos obtidos, observamos que a leitura do texto se mostrou favorecedora do processo, sob um índice de 0.627. A entrevista, por sua vez, apresentou um valor próximo do ponto neutro, a saber: 0.519, indicando que interfere de modo menos incisivo no processo. Em contraposição, a leitura de enunciados, estilo mais monitorado, apresentou o índice de 0.346, apontando para o desfavorecimento na aplicação da regra de palatalização.

Dessa forma, observamos também uma diferença entre os fatores que favorecem e inibem o processo em relação aos contextos analisados, uma vez que no contexto em que a fricativa /S/ ocupa a posição de gatilho, o fator que mais exerce influência no que se refere à variável estilo é a leitura do texto, estilo intermediário, e o fator que inibe o processo, nesse contexto, é a entrevista, estilo livre. Quanto aos fatores que favorecem e inibem o processo nessa variável, quando a semivogal [j] ocupa a posição de gatilho é a leitura do texto (estilo intermediário) e a leitura de enunciados (estilo mais monitorado), respectivamente.

Sendo assim, concluímos que o estilo intermediário, ou seja, a leitura do texto, é mais produtiva e favorecedora do processo de palatalização quando a semivogal [j] ocupa a posição de gatilho.

5.3.1.3 Sexo

Na ordem de relevância estabelecida pelo programa Goldvarb X, o grupo de fator referente ao sexo dos colaboradores foi eliminado, uma vez que apresentou apenas dois pontos percentuais de diferença na produção palatalizada dos sexos em questão.

Vejamos a seguir, os percentuais obtidos para a variável sexo, como forma de ilustrar as ocorrências coletadas.

Tabela 11 - Palatalização das oclusivas alveolares e a variável sexo com a semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas.

Fatores	Realizações	Percentual
Feminino	74/278	21,0%
Masculino	67/376	17,8%
Total	141/728	

Autor (2022)

Apesar de o sexo feminino apresentar maior número de realizações palatalizadas, a saber, 74 dentre as 278 ocorrências registradas, alcançando um percentual de 21%, não é possível afirmar que o sexo feminino seja mais produtivo no que se refere ao processo. No que diz respeito ao sexo masculino, a aplicação da regra de palatalização se deu em 67 produções dentre as 376 ocorrências registradas, totalizando um percentual de 17,8%, o que não se distancia muito do valor obtido pelo sexo feminino. Dessa forma, não podemos afirmar com base nos percentuais obtidos que um ou outro sexo seja mais produtivo em relação ao processo de palatalização das oclusivas alveolares, uma vez que apresentaram um distanciamento de 3,2 pontos percentuais somente.

Em contraposição, os resultados observados em Oliveira (2017) para o contexto de semivogal apontou para um favorecimento do sexo masculino sob o percentual de 23,5% e um peso relativo de 0.55, enquanto o sexo feminino se mostrou inibidor do processo sob o percentual de 18% das realizações palatalizadas e um peso relativo de 0.45. Estes números se afastam dos resultados apresentados aqui, visto que a variável sexo não demonstrou influência no contexto de semivogal na aplicação da regra de palatalização em Santana do Ipanema.

Vale ressaltar que a variável sexo foi eliminada, pois seus índices não foram distantes o suficiente para indicar um favorecimento estável por parte de um dos sexos analisados. Este resultado se assemelha aos percentuais obtidos em Oliveira; Oliveira (2021) no qual a variável sexo também não mostrou significância estatística, sendo eliminada das rodadas pelo programa R. É interessante destacar que o estudo supracitado restringiu suas análises ao contexto em que a semivogal [j] engatilha o processo, ou seja, o contexto analisado nesta

seção.

Dado o fato de que a variável sexo não influencia diretamente o processo de palatalização das oclusivas alveolares, nossa hipótese inicial de que o sexo masculino favorece tal processo não foi corroborada.

5.3.2 Variáveis linguísticas

Nesta seção, efetuaremos a análise das variáveis linguísticas em contexto de semivogal, a fim de descrever de que forma estas variáveis interferem no processo de palatalização das oclusivas alveolares em Santana do Ipanema, Alagoas.

5.3.2.1 Tonicidade

Assim como em contexto de fricativa, a tonicidade foi a primeira variável linguística a ser selecionada pelo programa Goldvarb X como significativa estatisticamente para a palatalização das oclusivas alveolares em contexto de semivogal. Vale ressaltar que esta variável ocupa o lugar de maior influência no processo quando em contexto de fricativa, enquanto em contexto de semivogal, esta posição é ocupada pela variável faixa etária.

Nossa hipótese inicial de que a posição postônica é favorecedora do processo de palatalização das oclusivas alveolares em Santana do Ipanema, Alagoas, foi confirmada.

Na tabela 12, apresentamos os índices estatísticos referentes à tonicidade das sílabas.

Tabela 12 - Palatalização das oclusivas alveolares e a variável tonicidade em palavras com a semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas.

Fatores	Aplic. / Total	%	Peso Relativo
Tônica	11/165	6,7	0.232
Postônica	130/542	24,0	0.590
Total	141/728	19,4	

Input: 0.121; Significância: 0.003

Log. Likelihood: -282.308

Fonte: Autor (2022)

Os valores da tabela 12 confirmam uma maior produtividade da posição postônica no

processo de palatalização da oclusiva alveolar /t/, uma vez que das 542 ocorrências, obtivemos 130 realizações palatalizadas, apresentando um percentual de 24,0% de aplicação da regra de palatalização. Os valores referentes à posição tônica são menos significativos, uma vez que das 165 ocorrências registradas, obtivemos 11 realizações palatalizadas, alcançando um percentual de 6,7%. A posição pretônica, por sua vez, apresentou nocaute para a palatalização, uma vez que das 21 ocorrências, nenhuma foi palatalizada. Sendo assim, excluímos este fator e executamos a rodada apenas com as variantes tônica e postônica.

Dessa forma, a partir dos valores referentes aos pesos relativos obtidos para esse grupo de fatores observamos que a posição postônica se mostrou favorecedora do processo de palatalização alcançando um índice bastante significativo de 0.590, enquanto a posição tônica apresentou um valor baixo, a saber, 0.232, confirmando seu desfavorecimento no processo de palatalização das oclusivas alveolares. É interessante destacar que ao contrastar os dois contextos analisados, observamos que a produtividade das tônicas e postônicas é menor em contexto de fricativa, mas os pesos relativos apresentaram números mais elevados, apontando para uma influência maior dessa variável no processo quando em contexto de fricativa.

No que diz respeito ao contexto da aproximante [j], Oliveira (2017) não traz os números sobre as ocorrências, mas pontua nas considerações finais da pesquisa que a variável acento não interfere no processo de palatalização. Em análise sobre o contexto de semivogal, Oliveira; Oliveira (2021) afirmam que as sílabas átonas são favorecedoras do processo em Alagoas sob o índice de 0.56 e probabilidade de 22,8%, enquanto em sílabas tônicas a probabilidade de palatalização cai para 8,4% sob o peso relativo de 0.44. Dessa forma, os resultados obtidos em Oliveira; Oliveira (2021) corroboram com os valores encontrados para esta variável em contexto de semivogal.

5.3.2.2 Tamanho da palavra

Na ordem de relevância estabelecida pelo programa Goldvarb X, o grupo de fator referente ao tamanho da palavra em sílabas foi eliminado, ou seja, não apresentou influência no processo de palatalização em contexto de semivogal. É interessante destacar que este grupo de fatores apresentou relevância em contexto de fricativa, confirmando que os dois contextos analisados apresentam comportamentos diferentes no que se refere ao processo de palatalização das oclusivas alveolares.

Vejamos a seguir, os percentuais obtidos para a variável tamanho da palavra, como forma de ilustrar as ocorrências coletadas.

Tabela 13 - Palatalização das oclusivas alveolares e a variável tamanho da palavra com a semivogal [j] em contexto anterior às oclusivas.

Fatores	Realizações	Percentual
Trissílaba	37/206	18,0%
Dissílaba	102/451	22,6%
Polissílaba	2/ 70	2,9%
Total	141/728	

Autor (2022)

Os valores da tabela 13 apontam para uma maior produtividade das palavras com duas sílabas no processo de palatalização da oclusiva alveolar /t/, pois das 451 ocorrências, obtivemos 102 realizações palatalizadas nas palavras com esta configuração, apresentando um percentual de 22,6% de aplicação da regra de palatalização, enquanto as palavras com três sílabas apresentaram 37 realizações palatalizadas dentre as 206 ocorrências nesse contexto, alcançando um percentual de 18,0% das realizações palatalizadas. As palavras com quatro sílabas ou mais, no entanto, apresentaram números menos significativos de produtividade, uma vez que das 70 ocorrências registradas, apenas 2 foram palatalizadas, apresentando um percentual de 2,9%.

É importante destacar que a diferença suave entre os valores referentes às palavras com duas e três sílabas, representados na tabela 14, se deu pelo fato de a maior parte das palavras investigadas se encontrarem nessa configuração. No que diz respeito às palavras monossílabas, no contexto analisado, houve o registro de apenas uma palavra com esta configuração, a saber, não palatalizada, demonstrando improdutividade no processo de palatalização das oclusivas alveolares, nessa configuração de palavras.

No modelo com a aproximante [j], Oliveira (2017) afirma que esse processo é influenciado pelo tamanho da palavra, uma vez que quanto maior a palavra, maior a probabilidade de aplicação da regra de palatalização. Sendo assim, o autor coloca os seguintes resultados: as palavras monossílabas resultaram em um peso relativo de 0.09, demonstrando ser inibidoras do processo; as palavras dissílabas apresentando um peso relativo de 0.18; as

palavras trissílabas obtiveram um peso relativo de 0.27; as palavras de 4 sílabas apresentaram um peso relativo de 0.36 e as palavras com mais de 4 sílabas alcançaram o peso relativo de 0.45, demonstrando seu favorecimento na aplicação da regra de palatalização das oclusivas alveolares em Maceió.

Desta forma, os resultados obtidos em Oliveira (2017) em contexto de semivogal se afastam dos valores demonstrados aqui, visto que em Maceió a variável tamanho da palavra exerce influência no processo, enquanto em Santana do Ipanema, neste mesmo contexto, essa variável não se mostrou influente na palatalização das oclusivas alveolares.

5.3.2.3 Sonoridade

A variável sonoridade foi eliminada das rodadas no Goldvarb X, no contexto de semivogal, assim como no contexto de fricativa, uma vez que não houve nenhuma ocorrência palatalizada da variante vozeada. Acreditamos que isto ocorreu por conta do baixo número de ocorrências de palavras que apresentam a oclusiva alveolar vozeada /d/ em contexto fonológico progressivo. Sendo assim, a totalidade de aplicação da regra de palatalização das oclusivas alveolares se deu apenas nas palavras que apresentaram a oclusiva alveolar desvozeada /t/.

A totalidade de palavras que continham a oclusiva alveolar vozeada /d/ foi baixa, a saber, 29 ocorrências, das quais não houve nenhuma produção de sua variante palatalizada. Por outro lado, a ocorrência de palavras que apresentaram a oclusiva alveolar vozeada /t/ foi bastante significativa, a saber, 699 ocorrências, das quais 141 foram produções palatalizadas, alcançando o percentual de 20,2% de aplicação da regra de palatalização. Observamos um aumento de 8,8% no que diz respeito à produtividade da palatalização de /t/ quando em contexto de semivogal do que em contexto de fricativa.

No que diz respeito ao modelo em que a semivogal [j] aparece em contexto anterior às oclusivas, Oliveira (2017) aponta para os seguintes resultados: a variante vozeada obteve apenas 9 realizações palatalizadas dentre as 316 ocorrências, apresentando um percentual de 2,8% de palatalização para esta variante com o peso relativo de 0.39; já a variante desvozeada obteve 409 produções palatalizadas dentre as 1731 ocorrências registradas, alcançando o percentual de 23,6% de aplicação da regra de palatalização com um peso relativo de 0.61.

Em contrapartida, Oliveira; Oliveira (2017) que há uma maior probabilidade de ocorrência da palatalização quando a consoante é /t/ sob o percentual de 23,3% e o peso relativo de 0.63, no entanto, quando a oclusiva é /d/ a probabilidade de palatalização cai para

4,2% e um peso relativo de 0.37. Sendo assim, nossos resultados se assemelham ao estudo de Oliveira e Oliveira (2021) quanto ao favorecimento da oclusiva alveolar desvozeada /t/ no processo de palatalização.

5.3.2.4 Fronteira lexical

A variável fronteira lexical foi eliminada das rodadas no Goldvarb X, pois não apresentou nenhuma ocorrência palatalizada em palavras com fronteira lexical. Sendo assim, a totalidade dos dados de aplicação da regra de palatalização, no contexto de semivogal, se deu apenas em palavras de não fronteira lexical.

No que diz respeito à variável fronteira lexical o programa Goldvarb X não encontrou significância estatística, apresentando um *Knockout* para esse grupo de fatores, interpretamos que isso tenha ocorrido pelo fato de haver poucas ocorrências de palavras em situação de fronteira lexical, portanto, não constitui uma boa comparação amostral.

Em contexto de semivogal, foi registrada apenas uma palavra em posição de fronteira lexical, a qual não foi uma realização palatalizada, enquanto as palavras em situação de não fronteira lexical, como em [pre'fejʃo] (3F2) e [ifej'tʃá](4F2), obtiveram 141 realizações palatalizadas dentre as 727 ocorrências registradas nesse contexto, alcançando o percentual de 19,4% de aplicação da regra de palatalização.

No modelo em que a semivogal [j] aparece em contexto anterior às oclusivas, Oliveira (2017) apresenta os seguintes resultados: o contexto de não fronteira obteve o percentual de 25,1% das palatalizações com um peso relativo elevado de 0.80, enquanto o fator de fronteira lexical obteve o percentual de 1,0% das palatalizações com um peso relativo de 0.20.

Em consonância com os resultados de Oliveira (2017) e os valores apresentados nesta pesquisa, Oliveira; Oliveira (2021) afirmam que o contexto fronteira é altamente desfavorecedor da palatalização progressiva sob um percentual de 4,3% e um peso relativo de 0.32, enquanto o contexto de não fronteira apresentou o percentual de 23,4% de produções palatalizadas e um peso relativo de 0.68. Dessa forma, os autores supracitados afirmam que o processo é altamente favorecido no domínio da palavra fonológica, mas não é bloqueado em domínios acima deste.

Sendo assim, observamos que em ambos os contextos analisados a posição de fronteira lexical inibe o processo, enquanto o contexto de não fronteira é altamente favorecedor do processo de palatalização das oclusivas alveolares em Santana do Ipanema.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo desta pesquisa foi apresentar uma análise variacionista dos processos de palatalização das oclusivas alveolares em Santana do Ipanema, com o intuito de investigar e descrever as correlações linguísticas e sociais que condicionam o processo.

Optamos por analisar apenas o fenômeno da palatalização em contexto fonológico progressivo, uma vez que pesquisas anteriores sobre o processo no estado de Alagoas, apresentaram maior produtividade neste contexto fonológico.

Uma vez investigado o processo de palatalização progressiva, ficou evidente que há dois ambientes propícios para a emergência do fenômeno em Santana do Ipanema, são eles: com a fricativa /S/ em posição de gatilho e a com a semivogal [j] nesta mesma posição.

Ao analisar os dois ambientes separadamente, observamos um comportamento diferente em relação às variáveis linguísticas e sociais, apresentando particularidades de condicionamento da regra para cada contexto e apontando indícios de que o processo de palatalização das oclusivas alveolares em contexto fonológico progressivo diante de fricativa /S/ em posição de gatilho não tem a mesma desvalorização social que o processo de palatalização quando tem uma semivogal [j] nesta mesma posição. Sendo assim, seguimos as análises averiguando quais fatores influenciam ou inibem o processo em contexto de fricativa e em contexto de semivogal.

Apresentamos, assim, as conclusões, neste espaço, para cada uma das análises realizadas, primeiro com a fricativa /S/, depois com a semivogal [j] em posição de gatilho.

Considerando a correlação resultante de análise estatística dos dados entre o processo de palatalização das oclusivas alveolares com a fricativa /S/ em posição de gatilho com as variáveis linguísticas e sociais, podemos salientar que:

- A idade do colaborador influencia o processo, uma vez que os participantes mais velhos tendem a usar mais a variante palatalizada;
- A posição postônica favorece o processo;
- As palavras com três sílabas favorecem o processo em contexto de fricativa;
- O estilo intermediário, ou seja, a leitura de texto influencia o processo;
- O sexo do participante não influencia o processo;
- O contexto de fronteira lexical inibe o processo.

Por outro lado, ao considerar os resultados das análises estatísticas no contexto com a semivogal [j] em posição de gatilho, as ilações podem ser as seguintes:

- Os colaboradores mais velhos favorecem o processo;
- A posição postônica favorece o processo;
- A leitura do texto favorece o processo;
- O sexo do participante não influencia o processo;
- O contexto de fronteira lexical inibe o processo;
- O tamanho da palavra não influencia o processo.

Ao analisar contrastivamente os resultados, é nítido que dependendo do contexto do gatilho, se a fricativa /S/ ou a semivogal [j], há uma distinta correlação das variáveis linguísticas e sociais quanto ao processo de palatalização das oclusivas alveolares em Santana do Ipanema.

O tamanho da palavra, por exemplo, mostrou significativa relevância estatística no processo de palatalização apenas em contexto de fricativa /S/ em posição de gatilho, uma vez que as palavras com três sílabas se mostraram favorecedoras do processo. Este resultado contradiz as conclusões de Oliveira (2017), visto que o autor apresenta um resultado inverso, ou seja, o tamanho da palavra é influente em contexto de semivogal e não de fricativa.

A posição postônica se mostrou favorecedora do processo tanto em contexto de fricativa /S/ quanto em contexto de semivogal [j].

De igual modo, a segunda faixa etária analisada, ou seja, os colaboradores mais velhos se mostraram favorecedores do processo de palatalização das oclusivas alveolares em ambos os contextos analisados.

Quanto à sonoridade, observamos que a consoante desvozeada favorece o processo em ambos os contextos analisados, uma vez que não foram encontradas realizações palatalizadas da consoante vozeada, dentro da palavra fonológica ou além dela.

Observamos que em ambos os contextos analisados, há uma maior produção da variante palatalizada dentro da palavra fonológica, ou seja, o contexto de fronteira lexical inibe o processo em Santana do Ipanema.

No que se refere ao estilo, em ambos os contextos, observamos uma maior produtividade e o favorecimento do processo na leitura do texto. Este resultado aponta para um uso que possivelmente era padrão na comunidade, mas foi perdendo espaço ao longo do tempo, emergindo em situações mais formais de comunicação. Vale ressaltar, também, que o

fato de a maioria dos colaboradores, ainda que não intencionalmente, serem professores, nos faz pensar que os estilos mais monitorados façam parte do seu uso diário, devido a sua profissão, autorizando o uso da variante palatalizada nesse contexto.

Em relação à produtividade da variante palatalizada, observou-se um uso maior quando a semivogal [j] ocupa a posição de gatilho que quando a fricativa /S/ ocupa esta mesma posição. No entanto, observou-se uma desvalorização social maior quando em contexto de semivogal [j]. Resultado este que corrobora com Oliveira (2017) e Oliveira; Oliveira (2021).

Dessa forma, concluímos, com base nos dados analisados e das atitudes demonstradas pelos participantes durante a coleta, que o processo de palatalização progressiva das oclusivas alveolares em Santana do Ipanema padece de um valor socialmente negativo, embora o efeito desta marca afete diferentemente o processo, sendo mais evidente quando o contexto da consoante é antecedido por uma semivogal [j].

A partir dos resultados derivados da análise estatística e das atitudes linguísticas observadas durante a coleta de dados, podemos afirmar que as formas palatalizadas sofrem estigma social, no entanto, é possível observar a presença significativa do fenômeno da palatalização na língua falada por pessoas com Ensino Superior, usuárias da língua culta.

Por uma questão de limitação do programa Goldvarb X, não foi possível fazer análises de interação entre as variáveis, no entanto, pretendemos em pesquisas futuras ampliar o leque de possibilidades de análise e descrever o processo de palatalização de uma forma mais ampla. Ainda assim, o programa que utilizamos nos dá a possibilidade de fazer uma tabulação de contingência que permite a análise de duas variáveis por vez, porém ao tabular as variáveis sexo e faixa etária, em ambos os contextos, observamos uma diferença de menos de 2,0% entre elas, número pouco significativo para tirar conclusões sobre com as variáveis agem em conjunto. Sendo assim, apresentamos ao longo desta pesquisa, apenas os resultados das variáveis separadamente.

Comparando os dados desta pesquisa com os resultados de Oliveira (2017), que investigou o processo de palatalização das oclusivas alveolares em Maceió, capital alagoana, observamos uma leve redução de uso em contexto de semivogal [j], caindo de 20,6% para 19,4%, ao passo que em contexto de fricativa /S/ houve uma redução mais significativa, caindo de 19,1% para 10,4%. Ou seja, o contraste com um estudo feito há cinco anos, demonstra que o fenômeno da palatalização progressiva apresenta um uso mais acentuado na capital que no interior do estado.

Em pesquisa recente, Oliveira e Oliveira (2021) investigaram a variação diatópica e o processo de mudança na valorização social da palatalização progressiva em Alagoas. Vale ressaltar que os autores analisaram apenas a palatalização em contexto de semivogal [j]. Ao contrastar os dados apresentados sobre Santana do Ipanema no estudo supracitado, observamos, de igual forma, uma queda na produtividade da variante palatalizada, caindo de 22,6% para 19,4%.

Contudo, podemos afirmar que o fenômeno da palatalização em contexto fonológico progressivo não é uma característica apenas do falar maceioense, mas se estende para o interior do estado, ainda que menos acentuado em Santana do Ipanema.

O processo de palatalização em Santana do Ipanema não se trata de uma mudança em progresso, uma vez que as oclusivas alveolares /t/ e /d/ e suas respectivas formas palatalizadas estão em concorrência de uso na região estudada.

Sendo assim, a partir dos resultados obtidos nesta pesquisa e da análise dos estudos feitos em Maceió por Santos (1996) e Oliveira (2017) confirmamos nossa hipótese inicial de que a palatalização das oclusivas alveolares é um fenômeno menos produtivo em Santana do Ipanema que na capital do estado, Maceió.

REFERÊNCIAS

- ALKMIN, T. M. **Sociolinguística Parte I**. In: MUSSALIM, F; Bentes, A. C.; *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Editora Cortez, 2009.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. Parábola Editorial: São Paulo, 2007.
- BISOL, L. (Org.) **Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Henry Holt, 1933.
- BOERSMA, P. WEENIK, D. **PRAAT**. v. 6.2.18. Amsterdã: Institute of Phonetics Sciences, 2022.
- BRESCANCINI, C. R. **A representação lexical das fricativas palato-alveolares: uma proposta**. Revista Letras, Curitiba, n. 61, especial, P. 299-310. Editora UFPR: 2003.
- CALLOU, D.; LEITE, Y. *Iniciação à fonética e à fonologia*. – 11. ed. – Jorge Zahar: Rio de Janeiro, 2009.
- CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução: Marcos Marcionilo. - 2. ed - Parábola Editorial: São Paulo, 2002.
- CAMACHO, R. G. **Sociolinguística Parte II**. In: MUSSALIM, F; Bentes, A. C.; *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Editora Cortez, 2009.
- CAMARA JR, J. M. **Estrutura da Língua Portuguesa**. – 15. ed. – Vozes: Rio de Janeiro, 1970.
- _____. **Para o estudo da Fonêmica Portuguesa**. - 02. ed - Padrão - Livraria editora: Rio de Janeiro, 1977.
- CARVALHO, Nelly. 2000. **A Língua do Nordeste**. < Disponível em <http://intervox.nce.ufrj.br/~edpaes/linguane.html>. Acesso em 20 de agosto de 2021.
- CHOMSKY, N.; HALLE, M. **The Sound Pattern of English**. New York: Harper & Row, 1968.
- CLEMENTS, G. N. **The geometry of phonology features (1985)**. In: GOLDSMITH, J. (Org.) *Phonological Theory: the essential readings*. Massachusetts: Blackwell, 1999.
- _____.; HUME, E. **The Internal Organization of Speech Sounds**. In: GOLDSMITH, John. *The Handbook of Phonological Theory*. Blackwell Publishing, 1996. Blackwell Reference Online. Disponível em: Acesso em 16 de maio de 2022 às 08h40min.
- DE PAULA, A. S. **O trabalho de campo sociolinguístico**. In: COSTA, J. F. C.; SANTOS, R. L. A.; VITÓRIO, E. G. S. L. A. (orgs.). *Variação e mudança linguística no estado de Alagoas*. Maceió: Edufal, 2011.

DUTRA, E. O. **A palatalização das oclusivas dentais /t/ e /d/ no município do Chuí, Rio Grande do Sul**. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

FLEMMING, E. **Deriving natural classes in phonology**. Elsevier, 2004.

GUY, G.R. **A identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialetoal nos padrões de variação linguística**. v. 28 e 29. p. 17-32. Organon, Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, 2000.

_____. ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. São Paulo: Parábola, 2007.

HAUPT, C. **As fricativas [s],[z],[ʃ], [ʒ] do Português Brasileiro**. Vol. 1. P. 59-71. Letras & Letras: Uberlândia, 2008.

HENRIQUE, P; HORA, D. **Um olhar sobre a palatalização das oclusivas dentais no vernáculo pessoense**. In: XXIV Jornada Nacional do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, 2012, Natal-RN. Anais da Jornada do Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste, 04 a 07 de setembro de 2012. Natal: EDUFRN, 2012.

KENT, R., READ, C. **Análise acústica da fala**. Editora Cortez. São Paulo, 2015.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARROQUIM, M. **A Língua do Nordeste**. Série. V. Vol. XXV. Companhia Editora Nacional: São Paulo, 1934.

MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: La Société Linguistique de Paris, 1921.

MOLLICA, M. C. **Fundamentação teórica: conceituação e delimitação**. In: MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L; Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. - 4 ed. - São Paulo: Contexto, 2019.

MOTA, J; ROLEMBERG, V. **Variantes africadas palatais em Salvador**. In: HORA, D. da. (Org.) **Diversidade Linguística no Brasil**. João Pessoa: Ideia, 1997. p. 131 - 140.

NARO, A, J. **Modelos quantitativos e tratamento estatístico**. In: MOLLICA, M. C; BRAGA, M. L; Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

OLIVEIRA, A. A. **Processos de palatalização das oclusivas alveolares em Maceió**. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2017.

_____; OLIVEIRA, A. J. DE PAULA, A.S. **Palatalização das oclusivas alveolares [t] e [d] com a semivogal [j] em contexto anterior na cidade de Maceió**. Revista Leitura. v. 1, n. 60. 2018.

_____. OLIVEIRA, A. J. de. **Variação diatópica e o processo de mudança na valorização social da palatalização progressiva em Alagoas**. Revista Alfa, v.65. São Paulo, 2021.

PELAYES, G. T. **Apagamento do fonema /d/ em verbos gerundiais no português brasileiro: variantes rural e urbana em Santana do Ipanema**. Revista DiversitasJournal, v.1, n.2, 2016.

SÁ, E. J. de S. **O léxico na região Nordeste: questões diatópicas**. ReVEL, v. 9, n. 17, 2011.

SANKOFF, D. TAGLIAMONTE, S. SMITH, E. **Goldvarb X**. Toronto: Department of Linguistics, 2005.

SANTOS, L. de F. **Realização das oclusivas /t/ e /d/ na fala de Maceió**. 1996. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas – PPGL-UFAL, Maceió, 1996.

SCHERRE, M. M. P. **Padrões sociolinguísticos do português brasileiro: a importância da pesquisa variacionista**. Revista Tabuleiro de Letras. n. 4. 2012.

SEVERO, C. **A comunidade de fala na sociolinguística laboviana: algumas reflexões**. Voz das Letras, Revista da Universidade do Contestado, nº 9, 2008, p. 1-17.

SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia do Português: roteiros de estudos e guias de exercícios**. – 8. ed. – Contexto: São Paulo, 2005.

SOUZA NETO, A. F. **Realizações dos fonemas /t/ e /d/ em Aracaju – Sergipe**. Aracaju: Editora UFS, 2014.

_____. **Africadas [tʃ] e [dʒ] no Português falados por sergipanos idosos**. Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2020.

SOUZA, P. C. de; SANTOS, R. S. **Fonética**. In: *Introdução à linguística II: princípios de análise*. FIORIN, J. L. (org.). – 5. ed. – Contexto: São Paulo, 2011.

STURTEVANT, E. H. **An Introduction to Linguistics**. New Haven: Yale University Press, 1947.

TARALLO, F. **A pesquisa Sociolinguística**. - 8. ed.- Ática: São Paulo, 2009.

WEINREICH, U. LABOV, W. HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. - 1. ed. - Parábola Editorial: São Paulo, 2006.

WETZELS, W. L. **A teoria fonológica e as línguas indígenas brasileiras**. In: WETZELS, W. L. Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

WIEDEMER, M, L. **As faces da comunidade de fala.** Revista de Letras, Artes e Comunicação. v. 2. n. 1. p. 21-35. Blumenau: 2008.

APÊNDICE A - LISTA DE ENUNCIADOS PARA LEITURA

1. O menino achou que aquela noite foi a maior doideira.
2. O ator interpretou o papel de prefeito naquele filme.
3. A enfermeira ajudou o velhinho porque achou que o coitado estava perdido.
4. A vista daqui ao anoitecer é fantástica.
5. Desde agosto espero o resultado do concurso.
6. A seita não aceitava tais imposições.
7. Os professores estavam frustrados com as notas do oitavo ano.
8. Eu gosto muito de você.
9. O aspecto da tela demonstra muita inspiração.
10. A menina tratou com desdém seus colegas de estudo.

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO SOCIAL

1. Nome: _____
2. Data de Nascimento: ____/____/____
3. Sexo: () Masculino () Feminino
4. Grau de Escolaridade: () Superior Completo () Especialização () Mestrado () Doutorado
5. Naturalidade: _____
6. Endereço: _____
7. Já morou em outro lugar além de Santana do Ipanema?
() Sim () Não
8. Em caso afirmativo:
Onde? _____
Quanto tempo? _____
9. Onde seus pais nasceram?
Pai: _____
Mãe: _____
10. Telefone: () _____
11. Que profissão você exerce? _____
12. Você é financeiramente independente? _____
13. Quais redes sociais você utiliza?
() Instagram () Facebook () Whatsapp () TikTok
() Outros: _____
14. Você gosta de ler? _____
Em caso afirmativo, quais tipos de leituras você prefere?
() Livros () Revistas () Jornais () Artigo
() Outros: _____
15. Você é uma pessoa que:
a. () nunca sai de Santana do Ipanema
b. () só sai a trabalho
c. () sempre sai para passear

16. Geralmente quanto tempo você passa fora?

() menos de um mês () mais de um mês

17. Você já foi ao cinema?

() Sim () Não

18. Que tipo de coisas você costuma fazer para se divertir?

19. Você pratica alguma religião?

() Sim () Não

20. Em caso afirmativo, qual religião?

APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Há quanto tempo mora em Santana do Ipanema?
 2. Sempre morou aqui? (se não, por que veio morar aqui?) (se sim, gosta de morar aqui?)(se sim) Como foi a sua infância no bairro? Mudou muito em relação aos dias de hoje?
 3. Se tivesse oportunidade, moraria em outro lugar?
 4. Seus pais sempre moraram aqui? (se sim, eles também gostam de morar aqui? Pensam em se mudar?) (se não, por que eles vieram morar aqui?)
 5. Seus pais trabalham? Onde? (faça o informante falar sobre a profissão dos pais, local de trabalho, se há deslocamento diário, semanal, etc.)
 6. O que você mais gosta de fazer no local onde mora? (festas, atividades de lazer, opções de gastronomia)
 7. Você vai para festas ou outras atividades de lazer fora da comunidade onde você mora? (se sim, por quê?)
 8. O que é atrativo para os moradores dessa localidade? (facilidades de transporte, comércio, lazer, educação)
 9. O que é desatrativo para os moradores da comunidade? (falar de problemas da comunidade: provavelmente o informante falará sobre violência, falta de infraestrutura, saneamento básico, transportes públicos deficitários, etc.)
- Pedir para o informante falar mais de um desses problemas apontados.
- Pedir para o informante avaliar se a sua comunidade tem mais pontos positivos ou negativos
- Perguntar para o informante o que ele faria para melhorar a sua comunidade
10. De qual dos sotaques do Brasil você mais gosta? Por quê?
 11. Qual o sotaque que mais irrita?
 12. E dentro de Alagoas, você acha que as pessoas têm sotaque? (se sim) Você pode dizer quais as diferenças que você percebe?
 13. Quando você conversa com alguém você presta atenção no jeito que a pessoa fala?
 14. Por quê?
 15. Mas tem alguma coisa na fala das pessoas que chama atenção de forma especial?
 16. Você acha que fala mais tia, dia? Ou /tʃi/, /dʒia/?
 17. Você acha que um é melhor do que o outro para falar?
 18. Você acha que fala mais oito, doido? Ou /otʃo/, /dodʒo/?
 19. Você acha que um é melhor do que o outro para falar?
 20. Quando você está conversando, você fala mais o “nós” ou fala mais o “a gente”?

21. Qual dessas formas você acha melhor?
22. Você sabia que hoje em dia o “a gente” é considerado um pronome pessoal do mesmo jeito que “eu”, “você”, “tu”, “eles”?
23. Na escola, você aprendeu que “a gente” é pronome?
24. Você fala alguma língua estrangeira? Qual?
25. Qual a língua que você gostaria de aprender?
26. Por quê?
27. Que língua estrangeira você acha mais bonita?
28. Por quê?

APÊNDICE D - TEXTO PARA LEITURA

A MENINA DA JANELA

Certo dia de agosto, dois meninos que cursavam o oitavo ano do ensino fundamental, estavam indo à escola muito apressados, pois não gostavam de chegar atrasados e a hora já estava adiantada. No meio do caminho, um dos meninos se distraiu com a vista e deu de olhos com a filha do prefeito que olhava com desdém para ele da janela de sua casa. Desde aquele momento, o menino sentiu um fervor diferente em seu peito. Seguiram seu caminho, mas o coitado do menino só conseguia pensar naquela linda jovem.

Ao chegar da noite, o garoto só conseguia pensar em como o aspecto visual daquela garota o tinha deixado doidinho de paixão. Foi dormir pensando no caminho que percorreria no outro dia.

Na manhã seguinte, o rapazinho deu uma desculpa esfarrapada ao colega e foi sozinho à escola. Se escondeu atrás de uma árvore, mas não conseguia ver direito através da janela da menina. Pelo que viu, achou que ela parecia fazer parte de uma seita secreta ou algo do tipo. O menino se endireitou entre os galhos e a avistou fazendo carinho nos pêlos de seu gato, o que por sinal parecia estar tão gostoso que o fez dormir em seu colo.

O menino foi embora se sentindo fantástico por ter visto a menina mais uma vez, não sabia o que sentia por ela direito, mas uma coisa era clara, cada ida à escola seria mais especial, por poder vê-la em sua janela.